

# Pólis/Cosmópolis

## Identidades Globais & Locais

**Carmen Soares, Maria do Céu Fialho  
& Thomas Figueira (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

## ATENAS, PERFIL DE UMA CIDADE MODELO (Athens Portrayed as a Model-City)

MARIA DE FÁTIMA SILVA (fanp13@gmail.com)  
Universidade de Coimbra

**RESUMO** – Produzida por poetas atenienses, para públicos atenienses, a expensas do governo de Atenas, não surpreende que a tragédia grega insista, em diversos tons, no elogio da cidade que lhe serve de moldura. Aliás a sua missão era ‘política’ em sentido etimológico, dirigida à *polis*, porque inspirada nas suas vivências e porque consciente de um papel didáctico, que a tornava ‘conselheira’ dos cidadãos. Assim, a par de uma análise sempre crítica de cada etapa da vida da cidade ao longo do séc. V a. C. – um período de grande agitação política e de permanente fluidez intelectual –, a tragédia adoptou também um tom de elogio, adequado a uma Atenas que procurava impor, no mundo grego, uma imagem de superioridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eurípides, *Heraclidas*, *Hércules Furioso*, *Suplicantes*, *Ion*, Sófocles, *Édipo em Colono*

**ABSTRACT** – As it was produced by Athenian poets for Athenian audiences, and subsidized by the Athenian government, it is not surprising that Greek tragedy contains, in diverse voices, an encomium of the city that provides its context. Its role was indeed political in an etymological sense, because it is inspired by the city’s experiences and conscious of its own didactic role as counsellor of the citizens. This is why Greek tragedy, besides its always critical attention toward the city’s life throughout the 5<sup>th</sup> century BC – a period both of substantial political turmoil and of intellectual change – adopted an encomiastic style as well, adjusting to an Athens which sought to impose upon the Greek world an image of superiority.

**KEYWORDS:** Euripides, *Heraclidae*, *Hercules Furens*, *Suppliants*, *Ion*, Sophocles, *Oedipus Coloneus*.

Produzida por poetas atenienses, para públicos atenienses, a expensas do governo de Atenas, não surpreende que a tragédia grega insista, em diversos tons, no elogio da cidade que lhe serve de moldura. Aliás a sua missão era ‘política’ em sentido etimológico, dirigida à *polis*, porque inspirada nas suas vivências e porque consciente de um papel didáctico, que a tornava ‘conselheira’ dos cidadãos. Assim, a par de uma análise sempre crítica de cada etapa da vida da cidade ao longo do séc. V a. C. – um período de grande agitação política e de permanente fluidez intelectual –, a tragédia adoptou também um tom de elogio, adequado a uma Atenas que procurava impor, no mundo grego, uma imagem de superioridade.

No início do século, ao tempo das Guerras Pérsicas, Ésquilo, nos *Persas* (472 a. C.), a tragédia que dedicou à batalha de Salamina, uma etapa decisiva no

desfecho deste conflito), preocupava-se em estabelecer a supremacia da Grécia perante uma outra mentalidade, a oriental. E para cumprir esse objectivo dava a Atenas, no processo de resistência de uma aliança de cidades gregas, um ascendente incontroverso; esta era, para o velho poeta, a cidade que representava ‘o espírito grego’, nos seus ideais de coragem, patriotismo e, sobretudo, de liberdade e igualdade democrática. Com este retrato, Êsquilo explicava aos espectadores atenienses os motivos para um resultado tão imprevisto na batalha naval de Salamina; lá, onde os deuses estiveram, atentos a uma regulação equilibrada e justa do universo, um grande império, chefiado por um senhor monocrático, Xerxes, e assente na força e no número incontável dos seus efectivos, não teve capacidade para fazer frente a um país pequeno, pobre de recursos, mas animado de um ideal. E à frente desse país brilhava, com luz maior, o espírito ateniense.

Quando esta mesma Atenas, no fecho das Guerras Pérsicas, reconhecida por todos os Gregos como a protagonista do sucesso alcançado, se tornou uma ameaça temível por essa mesma vantagem, os poetas reorientaram o elogio de Atenas em novas perspectivas. O contraste estabelecia-se agora dentro do mundo grego, onde duas ligas, uma com Atenas, outra com Esparta diante, se disputavam. Em vez da reacção em nome da liberdade ameaçada por um invasor estrangeiro, discutia-se agora, dentro de fronteiras, o ascendente de uma ideologia política. Perante as outras cidades gregas, Atenas queria impor uma imagem de *arete*, afirmar os seus valores, fazer ver as vantagens das suas opções de cidade democrática; e, por todos esses méritos, ser aceite como cabeça de um império helénico. Vão neste sentido os múltiplos elogios que desta vez Sófocles e Eurípides lhe dedicaram, por vezes relativizados pela distância que separa um modelo ideal de uma realidade bem longe da perfeição.

‘Única’ entre todas as cidades da Grécia é um qualificativo que lhe cabe com uma insistência flagrante (E. *Heracl.* 151, *Supp.* 27-28, 188-189; S. *OC* 261-262, 1125-1126; Thuc. 2. 40. 4-5, 2. 41. 3). Neste ‘única’ vai contida a alusão a todas as virtudes de Atenas, quer as que provêm de uma origem superior, quer todas aquelas que, por mérito próprio, foi conquistando. Esse carácter de excepção ganha maior relevo por oposição ao anonimato das restantes ou sobretudo aos comportamentos de impiedade (E. *HF* 1285-1286), insolência (E. *Heracl.* 142-143, *Supp.* 384) ou cobardia (E. *Heracl.* 23-25, 144-146, 193-196, *Supp.* 188), que Argos, Tebas ou Esparta vão sucessivamente encarnando.

Na tragédia, a presença de Atenas materializa-se nos seus soberanos, figuras míticas que são a expressão da ancestralidade e símbolos de uma tradição coerente, que perpassou sucessivas gerações e constitui a sua marca identificativa. O *Íon* de Eurípides é a tragédia que melhor assinala a autoctonia como a primeira prerrogativa de Atenas<sup>1</sup> (‘o povo autóctone da gloriosa Atenas’, *Ion*

---

<sup>1</sup> Vide Rosivach 1977: 284-294.

29-30, 589-590, 735-737; cf. E. *Heracl.* 69, 826-827). Habitar a mesma terra desde tempos imemoriais estabelece entre os homens e a natureza que os cerca um vínculo profundo, que o mito exprimiu em termos ainda mais expressivos: autóctones são não só os que, desde sempre, habitaram o mesmo solo, mas aqueles que nasceram do próprio solo que habitam. O nascimento de Erectónio, antepassado mítico da casa real ateniense, marca uma etapa simbólica neste processo. Oriundo do solo (γηγενοῦς, *Ion* 20-21, 267-275, 999-1000), como legítimo ‘filho da Terra’, foi salvo do abandono dos pais pela deusa Atena, que o confiou, oculto num cesto, à primogénita de Cécrops, o soberano mítico do lugar (21-26). A curiosidade da princesa, que a levou, contra a determinação da deusa, a abrir o cesto e a espreitar-lhe o conteúdo, condenou à morte a culpada. Mas a partir deste episódio, para assinalar o vínculo das mães de Atenas com a sua deusa, salvadora de Erectónio e garantia de um continuador, originou-se o hábito de oferecer aos recém-nascidos uma serpente de ouro, como marca de origem, legitimidade e vínculo com a *polis*.

Deste mito fundador, Atenas manteve uma tradição que, ao tempo em que Eurípides compunha o *Íon* (c. 413-411 a. C.), gozava de grande simbolismo. Ser autóctone acumulava o mérito da antiguidade e o crédito de um passado que proporciona civilização e progresso. Enquanto povos migrantes procuravam ainda um rumo e um lugar onde estabelecer-se, já os autóctones perseguiram uma trajectória de desenvolvimento. Esta tradição - já referida em *Il.* 2. 547-548, que considera também Erecteu nascido do solo ático -, encontrou eco em autores contemporâneos de um tempo de afirmação de Atenas no mundo grego. Também Sófocles, *OC* 728, põe na boca do tebano Creonte, de visita à cidade, uma saudação aos ‘nobres habitantes desta terra’; e Tucídides (2. 36. 1), no discurso, proferido por Péricles, de elogio aos caídos em combate no primeiro ano da Guerra do Peloponeso, não deixa de valorizar a mesma tradição. O reconhecimento dessa nobreza de raça, que se foi transmitindo como uma herança na casa real ateniense (cf. *Ion* 262-263, 1060, 1073, 1562), foi-se celebrizando, não só pela voz incansável dos poetas, mas em representações gráficas (*Ion* 271, 1163-1165), em pintura e nos motivos de um tecido.

Teseu é, com certeza, a figura que melhor representa a excelência de uma cultura, depois de cumpridas todas as etapas, geracionais e civilizacionais, desde dias remotos<sup>2</sup>. Mas por detrás dele está seu pai, Egeu, ‘filho do sábio Pandíon’ (παῖς σοφοῦ Πανδίωνος, *Med.* 665; cf. *Supp.* 6-7; S. *OC* 69, 549-550, 607), onde σοφός regista uma qualidade congénita nos soberanos de Atenas. As virtudes que Teseu encarna não são apenas resultado do espírito superior de que era dotado, mas também uma herança de tão ilustres progenitores a que não faltou sentido de justiça (*Supp.* 574-575) e amor à liberdade (Thuc. 2. 36. 2). Dos mesmos

---

<sup>2</sup> *Vide* Davie 1982: 25-34.

valores se fez transmissor aos seus dois descendentes, Demofonte e Acamante (*Heracl.* 34-38, 115, 320-326). Por isso, quando a tragédia traz a cena qualquer uma destas gerações 'gloriosas' (κλεινός, *Heracl.* 38, *Supp.* 656, *Ion* 1038, 1106), são iguais os valores que lhes estão atribuídos, pelo menos num plano ideal, como logótipo de identidade. Teseu, mesmo assim, é aquele que melhor se ajusta a esses ideais, uma espécie de dual contínuo com a cidade (*Supp.* 3-4, 27-28, 114, 382, 576, 1168, 1181, 1187; S. *OC* 558, 1519).

Mas quais são, em concreto, os comportamentos que fazem de Atenas uma cidade notável, e digna de todos os reconhecimentos e homenagens (*Supp.* 779-781, *Ion* 8), um paradigma para toda a Grécia (Thuc. 2. 41. 1)? Talvez a síntese de requisitos da *arete* enumerados por H. C. Avery<sup>3</sup> lhe possam assentar na perfeição: 'Importante para os homens era a obediência à vontade dos deuses, uma aceitação pronta dos fardos que lhes são impostos pelas fraquezas e temores dos companheiros, e pela disponibilidade para assumir riscos pessoais e políticos ou mesmo para aceitar sacrifícios em nome de ideais, crenças e responsabilidades'.

Pode a cidade orgulhar-se de gozar do patrocínio divino e da presença tutelar dos deuses, rendidos à sedução de um lugar paradisíaco, de que fizeram morada de eleição. Talvez Sófocles (*OC* 668-719) tenha sido o autor do maior elogio do que julgou 'o mais belo lugar da terra' (τὰ κράτιστα γὰς ἔπαυλα, *OC* 669). Não lhe faltam os cantos harmoniosos dos rouxinóis, a verdura fresca e perene dos bosques, o colorido dos narcisos, o viço eterno da hera e da oliveira, o vigor dos cavalos, o rumorejar dos rios, o movimento ondulante do mar. Na perfeição idílica da sua paisagem, tomaram assento as Graças, as Musas e Afrodite (cf. *Heracl.* 379-380). Tocou-a Zeus de benesses, mas, sobre todos os deuses, protegeu-a Atena de olhos garços. Na deusa, o coro de *Heraclidas* reconhece 'a mãe, a senhora, a guardiã' do território e da cidade (770-772), a quem são devidas festas e celebrações, que animam, nas Panateneias, 'a colina batida pelos ventos' (777-783). O envolvimento da cidade com a sua padroeira espelha-se no nome, que uma recebeu da outra (E. *Ion* 9; S. *OC* 107-108); mas é também a excelência dos valores por que Atenas se rege o que deve garantir-lhe a benevolência divina e, com ela, a segurança e o respeito geral (*Heracl.* 901-903).

A piedade é, portanto, a primeira virtude da cidade de Palas e dos seus senhores (τὰ οἰκτρά, *Supp.* 190-191, σεβίζειν, S. *OC* 260-261, 1006-1007, 1125-1127). Implica o apelo, a prece, que traduz respeito e confiança, o reconhecimento, por parte dos homens, da superior vontade divina (*Supp.* 594-597): 'Tudo de que preciso' – afirma Teseu – 'é de ter os deuses do meu lado, os que patrocinam a vitória. É a aliança do seu socorro o que nos faz triunfar. A excelência de nada vale para os homens, se lhes faltar o apoio divino'. Como imagem da sua cidade, Etra, mãe de Teseu (*Supp.* 1 sqq.), dirige a Deméter,

---

<sup>3</sup> Avery 1971: 540.

a deusa de Elêusis, uma oração fervorosa, pedindo para a família real e para a cidade a bênção da deusa. Mas mais do que um apelo passivo, a piedade é um valor activo, que implica deveres e o cumprimento de regras; o acolhimento de perseguidos ou suplicantes a quem os deuses sempre dispensam protecção tem, entre esses deveres, prioridade<sup>4</sup>. E essa é uma regra de que Atenas, por tradição, mais do que nenhuma outra cidade grega, se mostrou cumpridora; pode afirmá-lo, sem hesitação, o coro nos *Heraclidas* (329-330): ‘Desde sempre esta terra entendeu prestar aos aflitos o socorro a que têm direito’ (cf. *Supp.* 32-36). Por isso, a protecção que Atenas recebe dos deuses é sobretudo a contrapartida da piedade que sabe dispensar aos que a suplicam (*Heracl.* 763-769).

Este é um valor que, nas *Supplicantes*, Teseu, ainda um jovem em formação<sup>5</sup> – ou, seguindo outras interpretações, o modelo do político pragmático da nova Atenas<sup>6</sup> – apesar da responsabilidade que sobre ele impende, recebe da mãe, Etra, uma mulher carregada de experiência e uma espécie de elo transmissor, ao jovem monarca, da tradição ateniense e de um padrão heróico de existência. Conscientes da autoridade da rainha, é a ela que Adrasto e as mulheres argivas, mães dos heróis caídos às portas de Tebas – na campanha que Polinices desencadeou contra a cidade mãe para fazer valer os seus direitos ao trono –, dirigem os seus apelos: reclamam o direito de recuperar, para os sepultar condignamente, os cadáveres dos filhos (*Supp.* 24-26)<sup>7</sup>. O que está em causa, neste exemplo mítico, é a diplomacia de guerra, bem conhecida por uma sociedade sob pressão de um longo conflito. Aos suplicantes assiste um direito, o do sepultamento dos mortos em combate; a Etra cabe apelar ao sentido de dever, junto de um jovem superior (εὐτεκνία), apesar de ainda pouco amadurecido, ou, por força das circunstâncias, esquecido das implicações dos seus deveres (*Supp.* 65-70). Teseu merece, daqueles que o suplicam, o reconhecimento de provas inequívocas de *arete*; ‘triumfante, senhor de muitas vitórias’ (καλλίνικος, *Supp.* 113), ‘o mais valente dos Gregos’ (καθ’ Ἑλλάδ’ ἀλκιμώτατον κάρα, *Supp.* 163), ‘homem ilustre entre todos na Grécia’ (δοκιμώτατος, *Supp.* 277), são qualificativos que

<sup>4</sup> A justiça e a piedade estão subjacentes a este dever. Do mesmo modo, em *Heracl.* 101-104, o coro aconselha, em nome da justiça, o arauto argivo a não desrespeitar os direitos dos suplicantes; e logo a seguir pode condenar como ímpia (ἄθειον, 107-108) a cidade que se mostra surda às súplicas que lhe são dirigidas.

<sup>5</sup> Michelini 1994: *passim* salienta também a idade e o peso que ela tem na peça, para valorizar a imponderação e a ambição dos mais jovens, como um elemento perturbador de um político ideal.

<sup>6</sup> Vide Jiménez 1995: 150, estudo que sublinha as múltiplas e controversas interpretações a que esta peça foi sujeita.

<sup>7</sup> O tema do sepultamento dos caídos em combate é de enorme relevância numa sociedade sob a pressão de um longo conflito militar. Michelini 1994: 219 sublinha a relação que este tema tem com as orações fúnebres, um género muito em voga dentro do contexto de guerra. Daí resulta um compromisso claro entre a peça e outras formas de expressão do mesmo momento político.

abonam do sucesso militar e político de que o senhor de Atenas já deu provas. Falta-lhe, porém, associar ao rol de *aretai* a excelência moral, que a piedade e a filantropia exprimem<sup>8</sup>. Esse é um dos princípios que Etra faz valer junto de Teseu (*Supp.* 301-306) envolto em leves palavras de censura: ‘É somente neste aspecto que a tua decisão, em tudo o mais tão sensata, falha’. É de diversos níveis a expectativa que Etra alimenta, quanto ao comportamento do filho: que actue como campeão das leis comuns aos gregos – neste caso a de sepultar os mortos (524-527, 531-538)<sup>9</sup> – e enfrente aqueles que ousam desrespeitá-la (307-313). Assim, além de satisfazer uma exigência sagrada, Teseu respeita a lei humana, condição para ‘a salvação de uma cidade’. No plano pessoal, tem oportunidade de mostrar valentia, a qualidade de quem se dispõe a correr riscos pela defesa dos valores em que acredita (314-319), ao mesmo tempo que enobrece o nome que usa, o de ‘filho de Etra’ (320). Diante de Teseu – e do público de Eurípides – Etra hierarquiza uma escala de deveres: depois de honrar os deuses, há que defender o direito aceite por todos os Gregos, antes de se ter em conta o mérito pessoal e a dignidade da família de que se é herdeiro. Neste apelo da rainha, segundo vários comentadores, os valores firmes e heróicos, a carácter com a antiguidade do mito, associam-se com um sentido de ambição e de promoção social, que faz parte da mentalidade da Atenas da segunda metade do século; deste paradoxo de argumentos parece resultar um conflito entre a Atenas ideal, bastião da pureza de valores, e a real, a dos oportunismos políticos.

Consciente do alcance das recomendações maternas, Teseu desencadeia as diligências, políticas e militares, que lhe são exigidas<sup>10</sup>. Atento aos seus

---

<sup>8</sup> Fitton 1961: 430-431 colhe da actuação de Teseu a imagem ‘de um político cauteloso mais do que a de um herói nacional’.

<sup>9</sup> Para alguns comentadores (*apud* Shaw 1982: 3) este é o grande tema da primeira parte da peça, a importância da lei e da sua defesa como um elemento de sobrevivência para uma cidade regulada.

<sup>10</sup> A complexidade da figura de Teseu está relacionada com a própria controvérsia na interpretação da peça. Depois de criticar Adrasto por, em nome de motivos nobres, cometer a insensatez de provocar uma guerra, Teseu resiste a acudir aos suplicantes, em conformidade com essa mesma posição; mas é evidente que, a essa coerência, corresponde a *apragmosyne*, ou seja, uma apatia que não responde à acção que um código heróico imporia; por outro lado, a decisão de intervir em nome dos suplicantes – e também do êxito pessoal, da valentia e da glória – arrasta-o para uma guerra, em contradição com a atitude pacifista que tinha defendido, levando-o de certa forma a repetir a insensatez que censurava em Adrasto. Como tanta vez acontece em Eurípides, em tempo de crise os melhores princípios parecem estranhamente contribuir para o mal e para a incosequência. Fitton, 1961: 434-435, por seu lado, entrevê nesta decisão de guerra uma crítica à facilidade, bem conhecida da Atenas do tempo de Eurípides, com que os chefes políticos arrastavam a cidade para a guerra. Do seu ponto de vista, Teseu, inicialmente ‘frio e prático’, transforma-se ‘num jovem tomado de zelo excessivo’. Sem dúvida o poeta pretendia espelhar os paradoxos com que anos de guerra confrontaram a cidade democrática, e avaliar o cromatismo plural de motivos que justificam cada decisão, mesmo as que se inspiram em ideais. Acaba discutindo o conceito de ‘guerra justa’, que para outros comentadores fundamenta a decisão do rei de Atenas.

movimentos, o coro de mães argivas reconhece nele (366-367, 558-563) a atitude de um homem piedoso e temente aos deuses (esta é uma característica consensualmente atribuída ao rei de Atenas; cf. E. HF 1236; S. OC 556). Vemo-lo capaz de enfrentar todos os riscos, para si mesmo e para a cidade, que o cumprimento de um dever – e talvez também alguma ambição – acarreta; é esse o sentido da proclamação que dirigiu aos seus homens na hora do combate (*Supp.* 670-672): ‘Nós vimos resgatar os mortos para lhes dar sepultura. Defendemos um direito universal entre os Gregos. Não é a carnificina o que pretendemos’. Teseu parece aceitar a violência como uma necessidade, quando está em causa um bem maior. Cumprido o seu dever de recuperar os cadáveres, o monarca, agora amadurecido e mais sensível ao valor da piedade, leva mais longe o humanismo; por suas próprias mãos ocupa-se do enterramento dos cadáveres (763-766), para poupar as mães enlutadas à dor de verem, maltratado pela guerra, o que resta dos filhos (944, 946). A uma palavra de incentivo, Teseu cresce aos olhos de todos como um exemplo de piedade, ao mesmo tempo que descobria a acção como requisito, talvez egoísta, para conquistar glória e mérito social. É, neste contexto, a rainha quem valoriza a natureza superior do povo ateniense – mesmo se, por vezes, acusado de alguma fraqueza – e a importância de dispor de um chefe à altura que o conduza (321-323): ‘Não vês como o teu povo, embora censurado por falta de determinação (ἄβουλος), é capaz de erguer a cabeça e lançar aos inimigos um olhar feroz? É no perigo que ele cresce’<sup>11</sup>.

Dois valores afins da piedade, porque também eles focados na assistência e apoio a vítimas de perseguição e de perigos, são a *xenia*, ‘hospitalidade’, e a *philia*, ‘amizade e solidariedade’. Sem deixarem de merecer a exigência e o apreço divinos, *xenia* e *philia* são também princípios com uma enorme carga social, num colectivo onde a protecção de cada indivíduo não encontra ainda uma resposta institucionalizada. Ambos assentam no dever de prestar, sem condições, socorro a quem se encontra em dificuldade; um simples ‘estranho’, no caso da *xenia*, alguém com vínculos de parentesco, amizade ou proximidade, no da *philia*. Assiste-lhes um alcance, antes do afectivo, pragmático. É sua regra elementar a reciprocidade, o dever de retribuir, em qualquer momento e com generosidade, os favores recebidos. Obedecem a uma tradição profunda na cultura grega, a avaliar pelo testemunho homérico. Quem os não cumpre, ainda na Grécia clássica, assemelha-se a um bárbaro, incivilizado e selvagem (*Heracl.* 130-131); portanto *xenia* e *philia* são marcas de identidade helénica. A observância, e o mérito que dela resulta, são reclamados por uma Atenas que se quer paradigma; afirmar-se hospitaleira e solidária faz parte da sua publicidade

<sup>11</sup> Michelini 1994: 231, interpreta estas palavras de Etra como o reflexo de uma polémica que dividia facções em Atenas nesta altura: entre os pacifistas de um lado, e aqueles que defendiam a guerra como um terreno onde se expõe brios e se repudia cobardias.



cívica, de cidade cosmopolita e aberta a todos. E, no entanto, em tempos de conflito, Atenas afirma-se, com algum exagero, como excepção, quando o egoísmo e os interesses políticos campeiam. Os filhos de Hércules, a mãe, Alcmena, e o velho companheiro, Iolau, um grupo indefeso depois da morte do herói, nos *Heraclidas*, afirmam esse sinal de decadência civilizacional como generalizado; vêm cumprindo um longo itinerário, foragidos de cidade em cidade (15-16), expulsos de toda a Grécia (31), face ao temor que se instalou perante as ameaças do perseguidor, o argivo Euristeu (19-20). Em último recurso, é de Atenas que esperam refúgio e protecção (305-306, 320-328). Por toda a Grécia soa a fama de uma Atenas hospitaleira, que nos chega, entre outras vozes, pela das mães argivas que, em *Suplicantes*, acorrem a Atenas (377-381): ‘Acode a uma mãe, acode, cidade de Palas, não desprezes as leis humanas. Tu veneras a justiça, a injustiça reprova-la; tu és sempre, para todos os aflitos, a salvação’. É ainda com igual expectativa que o velho Édipo, depois de percorridos os penosos caminhos do exílio, se abeira de Atenas, a que é em unísono louvada como a cidade entre todas piedosa e salvadora (S. OC 260-262, 2282-2283).

Alguns quadros dramáticos exploram a projecção e as nuances destes valores, sempre com Atenas como protagonista. É célebre o caso de Medeia, expulsa de Corinto e condenada ao exílio depois que Jasão, o marido traidor, a abandonou. Ao seu desespero vem responder Egeu, o rei de Atenas, de passagem pela cidade no regresso de Delfos, no preciso momento em que o coro da peça assinalava o terror supremo de quem não tem pátria a que se acolha (ἄπολις, *Med.* 644-651, 655), nem amigos em quem se apoie. Esta é a condição que Jasão e a cidade de Corinto têm para oferecer a Medeia. Perante o ateniense apiedado do seu olhar sombrio, Medeia assume uma atitude suplicante (709-711) e implora acolhimento numa cidade que sabe generosa. Esta é uma súplica a que Egeu responde, hierarquizando os motivos que o demovem: antes de quaisquer outros, o respeito pelos deuses (720); tal significa, em cumprimento de um dever, acolhê-la como sua hóspede (προσξενεῖν, 723-725, 730) e preservá-la de qualquer perseguição.

Deste episódio breve – e, para alguns comentadores, até dispensável – não faz parte a exploração do perigo a que, em geral, se expõe quem acolhe. Só ao de leve, o motivo é aludido por Egeu; não quer ser ele mesmo a levar Medeia para Atenas, para evitar a ruptura diplomática com Corinto; mas acrescenta (727-738), que se ela tomar a iniciativa de lá se dirigir pelos seus próprios meios, ‘ficará inviolável, sem perigo de ser entregue seja a quem for’. J. R. Dunkle<sup>12</sup> assinala que, apesar desta promessa, a intervenção de Egeu não tem o brilho habitual nestas cenas do ‘rei salvador’; há dois factores de egoísmo que lhe empalidecem a actuação: o interesse, de ganhar, com a ajuda que presta a Medeia, a

---

<sup>12</sup> Dunkle 1969: 106.

promessa de que ela o ajudará a combater a esterilidade; e o egoísmo, que o leva a respeitar um dever, procurando não incorrer em qualquer perigo. Mesmo assim, ainda que de forma condicionada, a cena de Egeu na *Medeia* de Eurípides põe em evidência o valor da *xenia* e o respeito que merece aos Atenienses.

Mais tenso, e mais rico de análise e de significado, é o uso de motivo equivalente em *Heraclidas*. Ameaçados são, nesse caso, os filhos de Hércules, com Alcmena e Iolau. O perseguidor, Euristeu, reclama que todas as portas se fechem aos fugitivos, com o argumento do poder de Argos, a cidade que dirige. Pelo seu poder, a simpatia ou antipatia de Argos não são despiciendas para aliados e amigos. O argumento político, muito discreto no caso de *Medeia*, ganha aqui uma força nova. A cidade de Euristeu é mais do que um exemplo de cobardia; exhibe arrogância e crueldade para com os fracos. Perante o argumento do poder do mais forte, as diversas *poleis* a que os perseguidos se dirigem colocam mal a sua piedade; veneram não os deuses, mas o mais forte (τοὺς κρείσσονας σέβοντες, 23-25; cf. 109-110). Da vantagem desta atitude amoral fala um arauto, o representante, diante da autoridade ateniense, de uma política pragmática de alianças que Argos pratica. Acima da ética, há que pesar o lucro e os interesses; valerá a pena correr riscos por um velho e umas crianças indefesas (*Heracl.* 165-168; cf. *Supp.* 474-475), sem qualquer benefício palpável? Ao passo que a neutralidade, ou mesmo a aliança, com quem detém a força traz vantagens e poder (153-157, 176-178). Atenas coloca-se – única exceção – incondicionalmente do lado da justiça; o medo, o maior condicionador das decisões políticas na Grécia do momento (191-192)<sup>13</sup>, não entra nas opções que se vê obrigada a tomar. A avaliação da *xenia*, abrangente nos *Heraclidas*, ganha também uma conotação política de grande importância, nas relações entre cidades, e dá a Atenas um lugar único na teia helénica de relações.

Havendo um parentesco entre Demofonte<sup>14</sup>, aqui o rei de Atenas, e os Heraclidas (συγγενεῖς, 223-224), a questão do acolhimento reveste um outro nível de solidariedade, o familiar. À *xenia*, a hospitalidade devida a estranhos, vem juntar-se a *philia*, o apoio devido a amigos e parentes. Na ponderação que Demofonte faz dos seus deveres está patente, uma vez mais, uma ordem de prioridades (238-242); obriga-o, em primeiro lugar, Zeus, o protector dos suplicantes; depois o parentesco que tem com eles<sup>15</sup>; junta-se-lhe *charis*, ‘a gratidão’, que une a casa de Atenas a Hércules, outrora salvador de Teseu, quando prisioneiro de

<sup>13</sup> Esta perspectiva do medo como elemento central numa política de conflitos e alianças tem, na *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, um relevo evidente.

<sup>14</sup> Demofonte não é personagem em nenhuma outra tragédia conhecida; são-lhe feitas apenas alusões; E. *Hec.* 123, *Tr.* 31; S. *Ph.* 562. Para Avery 1971: 546-547, esta preferência de Eurípides obtém o efeito de aproximar, em geração, o filho de Teseu dos filhos de Hércules.

<sup>15</sup> Em E. *HF* 207-212, Eurípides retoma este elemento da tradição, esclarecendo a genealogia que faz de Hércules e Teseu primos, parentesco de que estão conscientes as novas gerações de ambos os heróis, que agora se encontram frente a frente.

Hades (cf. *HF* 214-219); por fim, pesa nele um sentido de honra, que tem por contrapartida o temor da reprovação geral. O Demofonte que assim raciocina é o soberano consciente dos seus deveres e de cada uma das componentes que os definem<sup>16</sup>.

Idêntica *philia* serve de suporte ao quadro que aproxima os dois heróis do passado, Hércules e Teseu, no *Hércules Furioso* de Eurípidés. A hora é, para o grande herói da Grécia, o filho de Zeus e de Alcmena, depois de cumpridas com sucesso todas as suas façanhas, de enorme sofrimento. Vítima do ciúme de Hera, a esposa ofendida pelas infidelidades conjugais do divino marido, Hércules comete, sob o efeito de uma loucura passageira mas tempestuosa, a pior das chacinas: mata Mégara, a mulher, e os filhos, a quem o herói protector dos fracos devia, antes de mais, proteger. Devolvido à lucidez, para constatar – crueldade suprema da deusa ofendida – o resultado da perturbação que fez dele um homicida, Hércules, em desespero, pondera o próprio suicídio. Hera reduziu o inimigo, apesar de inocente, a um farrapo humano. É então que chega o salvador, Teseu, para, em nome de *charis*, a gratidão devida ao salvador de outrora, acorrer em seu socorro. Mas acima da retribuição face a uma dívida em aberto, o Teseu desta peça é sobretudo um paradigma de *philia*, de uma solidariedade não só activa, mas também emocional e afectiva.

A saudação com que um Hércules desesperado anuncia a vinda de Teseu – ‘meu parente e meu amigo’ (συγγενής φίλος τ’ ἐμός, *HF* 1154) – define o nível de uma expectativa. E porque a amizade é, para os Gregos, um bem activo e útil, Teseu vem revestido de armas, porque não é só a palavra de consolo que traz, mas um socorro efectivo, se necessário (1163-1165). Neste caso, a *philia*, empolada como um valor, além de prático, emotivo, dispensa a componente política e situa-se principalmente no plano pessoal. Com o arredar do véu que cobre o rosto e a vergonha do homicida (1214-1215), Teseu penetra na intimidade do amigo, para lhe declarar o conteúdo da *philia* tal como a entende (1223-1225): ‘Detesto os amigos para quem a gratidão envelhece, dispostos a partilharem os bons momentos, mas abandonando o barco quando chega a hora da desgraça’ (cf. 1338-1339). Mais do que palavras de consolação, Teseu oferece ao amigo a hospitalidade de Atenas (1324-1333), asilo, purificação, presentes e um culto que lhe immortalize a memória. Ao mesmo tempo que homenageia um grande homem – apesar da sua experiência profundamente dolorosa –, o rei colhe para Atenas as homenagens de toda uma Grécia que saiba reconhecer o valor da solidariedade (1334-1335).

A defesa dos valores ganha uma qualidade suprema quando, para satisfazer imposições da consciência moral, inclui risco para quem a concede. Respeitar a

---

<sup>16</sup> Demofonte não sente necessidade de consultar o povo, a sua decisão é firme e imediata, de tal forma são claras as obrigações que a situação exige.

piedade, solidariedade ou o acolhimento põe à prova a responsabilidade de um soberano, repartido entre o dever de prestar assistência e o risco a que expõe a própria vida e a dos seus. Há, portanto, na decisão que lhe é exigida, um dilema, em cuja solução os cidadãos têm uma palavra a dizer. Dentro de um quadro de vida democrática, ainda que no respeito pelas figuras simbólicas do mito e pela sua individualidade, rei e povo funcionam como uma única voz. A autoridade popular é uma presença incorporada na própria personalidade do rei. É em unísono que Atenas pode afirmar a sua independência, posta em contraste com as opções políticas das cidades adversárias<sup>17</sup>.

Argos é, em *Heraclidas*, como Tebas em *Suplicantes*, um desses contrapontos. 'Ελευθέρα, 'livre', é um qualificativo aplicado a Atenas com insistência evidente (*Heracl.* 61-62, 111-113, 197-198, 244-245, 285-287, 957). 'Livre' significa capaz de uma afirmação corajosa, de uma confrontação determinada, perante todos os que, com ameaças, pretendem exigir-lhe uma decisão que afecta os seus princípios. Assim nos *Heraclidas*, diante do arauto argivo – um motivo que, nas suas linhas gerais, se repete em *Suplicantes* – que persegue os parentes de Hércules, Iolau afirma a liberdade de Atenas, um valor que lhe permite proteger os mais fracos contra a arrogância dos mais fortes (61-62; cf. *Supp.* 518-521). Esta é uma tradição sem a qual Atenas se descaracteriza (*Heracl.* 197-198); faz parte da sua natureza perseverar no bem, 'preferir morrer, porque, aos olhos da gente de bem, a honra conta mais do que a vida' (200-201). Esta, que é a imagem que a cidade projecta para o exterior, está bem entranhada na consciência dos Atenienses, a crer no eco que encontra no próprio soberano, Demofonte (*Heracl.* 243-246): ceder é trair os suplicantes, mas sobretudo abdicar do bem maior da liberdade. Pelo seu comportamento ético e generoso, Atenas ganha 'amizades' e cobra reconhecimentos, criando em volta de si mesma uma teia de alianças promissoras para a sua segurança e ascendente (*Heracl.* 309-318, *Supp.* 373-374, 1169-1181, 1187-1188, 1191-1195; S. *OC* 629-630, 1496-1498, 1552-1555; cf. *Thuc.* 2. 40. 4). Percebe-se, por trás de uma política democrática, um objectivo imperialista, potencialmente ameaçador da limpidez dos valores tradicionais, numa correlação com a vivência do séc. V a. C. ateniense.

Prezar a liberdade é também, no plano interno, conferir esse mesmo direito a cada um dos cidadãos, sem mesmo assim prescindir da valorização do mérito e do benefício da clarividência dos melhores (*Thuc.* 2. 37. 1-2). E os melhores são, nos exemplos trágicos que vimos a analisar, representados pelo rei da cidade. Todos eles são tidos como o fruto de uma educação ajustada, que a cidade aplica aos seus homens (*Supp.* 913-917)<sup>18</sup>: 'A coragem (εὐανδρία) é matéria que se ensina

<sup>17</sup> No *OC* 911-916, a ameaça vem de um indivíduo, Creonte, o representante de uma facção com interesses próprios; a atitude injusta que assume merece a discordância da cidade a que pertence (921-923).

<sup>18</sup> Tucídides 2. 39. 1 inclui também no elogio de Atenas o papel essencial da educação, que,

(διδασκός), se é certo que se ensina uma criança a falar, a ouvir, o que por si só ela não alcança. E o que se aprende em criança, o adulto conserva-o até à velhice. Por isso, eduquem bem os vossos filhos'. O conselho, escutado com respeito e atenção, acrescenta saber e apura as almas mais dotadas; esse é o papel que Etra, a velha rainha, desempenha junto de um Teseu mais jovem, em *Suplicantes*, de modo a enriquecer-lhe a capacidade pragmática de reinar com a responsabilidade humanística que um verdadeiro chefe não dispensa. A experiência pessoal do sofrimento é mais um contributo na formação de um adulto pleno. Perante Édipo, velho e destroçado por anos de exílio, no *Édipo em Colono*, Teseu, desta vez amadurecido também pelas penas do exílio, manifesta uma piedade assente na compreensão, de quem viveu o mesmo destino (562-568). A lição de vida que ambos receberam, como tantos outros homens poderosos, é idêntica: o que poderá reservar-lhes o dia seguinte, quando a fortuna humana é tão incerta? É sobre todos estes pressupostos que se construiu a figura de um Teseu, tal como a cidade que representa, um paradigma de virtudes ideais, mesmo se abaladas por uma realidade decadente.

No exercício do poder, do rei espera-se que projecte o resultado das suas qualidades pessoais, associadas à moldagem que família e sociedade nele imprimiram. Apesar de representante natural da cidade e interlocutor primeiro de todos os que a ela recorrem, no respeito pela democracia em que vive o soberano não decide sem consultar o voto colectivo; a audiência é, de facto, concedida aos suplicantes pela cidade (*Heracl.* 95-96). Quando a decisão é extrema – como aquela que os oráculos impuseram a Demofonte, nos *Heracl.* 411-413, de sacrificar a vida de uma jovem para garantir a vitória na guerra –, a sensatez do rei é posta à prova. Executor de uma autoridade comedida, Demofonte recusa-se a matar ou a obrigar alguém a fazê-lo contra sua vontade. Mesmo que fundamentada pela vontade divina, tal exigência produziria uma guerra civil, entre os que a aplaudissem e os que a censurassem (418-419). A moderação democrática não se compadece com excessos (423-424): 'É que eu não sou um tirano, como os há entre os bárbaros. Devo agir com justiça, para ser tratado com justiça'.

Sabe-o, em geral, o monarca de Atenas, exige-o, com força maior, Teseu, que se arroga o papel de criador da democracia, como algo que faz parte do 'espírito ateniense' desde os seus primórdios<sup>19</sup> (*Supp.* 349, 'quero que a cidade inteira me aprove'; 352-353, 'dei à cidade a liberdade e a igualdade de voto'). E apesar de saber que o povo o aprovará – partilhados que são, por um e outro, os mesmos princípios –, não prescinde de lhe dar a palavra, depois de o persuadir da importância dos seus deveres (350-351, 355-356)<sup>20</sup>. Esta convivência entre chefes

---

dispensando-se de severidades extremas, dá, mesmo assim, bons frutos.

<sup>19</sup> Tornou-se comum, no séc. V a. C., atribuir a Teseu a reforma da constituição monárquica; cf. Arist. *Atb. Pol.* 41. 2; Plu. *Th.* 25.

<sup>20</sup> Houve comentadores da peça (e. g., Fitton 1961: 433) que assinalaram o paradoxo entre

e povo merece a Eurípides, o contemporâneo dos demagogos, uma reflexão mais ampla. Convencido da necessidade de agir, o Teseu de *Supplices* desempenha o seu papel: faz valer, diante do povo, os seus deveres, mobiliza-lhe a vontade e prepara-se para enfrentar o inimigo (393-394). Este consenso entre o soberano e o povo vai ter o seu momento de afirmação e de comentário no diálogo que o rei trava com o arauto de Tebas, a voz em cena do inimigo, que é também um confronto entre dois modelos de poder, o democrático e o monárquico<sup>21</sup>.

A explicação dada por Péricles, no discurso que Tucídides lhe atribui de elogio a Atenas (2. 37. 1), para o nome do regime que Atenas pratica – ‘como tudo depende não de um pequeno número, mas da maioria, chama-se-lhe democracia’ – torna central, no projecto como na denominação, a natureza do regulador. O chefe, promotor da organização e da iniciativa colectiva, é a mola essencial do modelo. Se um só ou múltiplo, nele reside a chave de todas as variantes<sup>22</sup>.

A defesa do poder de um só, que é a posição do arauto tebano, assenta num pressuposto frágil: o da superior qualidade do chefe, que parece uma circunstância de excepção. Várias vezes se levantam para apontar os vícios de um chefe único (423-425), o que merece o título de *tyrannos*. A pergunta ingénuo do arauto (399) – ‘onde está o vosso tirano?’ – recebe de Teseu uma rejeição enérgica (403-404), em nome da cidade onde o poder está entregue ao povo<sup>23</sup>. Na monarquia, acusa Teseu, falta a organização cívica e o escrutínio popular, algo como ‘a prestação de contas’ praticada pela democracia ateniense, no fim do exercício de um cargo pelos magistrados em rotação (406-407; cf. *Heracl.* 223). Ao poder absoluto associa-se inevitavelmente o orgulho, em resultado da prosperidade, e a inveja, que não devia existir em quem tudo tem; mas a verdade é que o tirano tende a competir com os melhores, os que lhe fazem sombra (445-446), e a aproximar-se dos súbditos invertebrados e bajuladores. O monarca evolui para o déspota e não hesita perante o crime; desrespeita as regras e os valores ancestrais, dá desafoço aos impulsos íntimos e à satisfação de prazeres reprováveis; mata sem critério, porque a lei é ele mesmo quem a faz (430-432).

---

a autoridade de que o povo goza em Atenas e a certeza que o rei pode ter da anuência colectiva à sua vontade. O comentário feito por Tucídides a propósito do governo de Atenas sob a superintendência de Péricles (2. 65. 9) – ‘em teoria uma democracia, na prática um poder subordinado a um único homem’ – vem naturalmente à nossa memória.

<sup>21</sup> Este debate, que implica uma ruptura cronológica com a Atenas mítica em que o Teseu tradicional se move, replica em cena uma discussão de grande interesse para a Atenas do séc. V.

<sup>22</sup> Dentro do mesmo ponto de vista, Romilly 1959: 81-99, defende que a subdivisão de formas de governo, de três – as que os testemunhos do séc. V a. C. consideravam – para seis – que encontramos nos filósofos do séc. IV, Platão e Aristóteles – depende exactamente deste factor: de uma estrutura baseada na atribuição do poder, partiu-se para a valorização da qualidade do seu agente; passou então a distinguir-se como determinante o funcionamento, bom ou mau, de cada um dos três modelos primitivos.

<sup>23</sup> No entanto, Teseu é o rei de Atenas, o que assinala a diferença entre as palavras ‘tirano’ e ‘monarca’, isto é, a forma má ou boa de realeza (cf. *Arist. Rb.* 1365b; *X. Mem.* 4. 6. 12).

A iniciativa individual que conduz ao progresso, prática dos melhores, é barrada pelo tirano; a própria concentração do poder desmoraliza a iniciativa: para quê produzir fortuna, se ela vai cair nas mãos do tirano (450-451)? Até mesmo o desrespeito social pelas filhas de família, que é marca de egoísmo, faz parte da forma como o tirano humilha os melhores (452-455).

Por contraposição, a democracia é referida como o modelo que mais elogios merece. Acima de qualquer outro princípio, a lei aparece como a condição essencial de uma sociedade equilibrada. Tucídides (2. 36. 4, 37. 1) especifica as condições a que a lei deve obedecer num regime de qualidade. Deve, antes de mais, ser adequada à índole de cada povo; a importação neste caso é nefasta: ‘O nosso regime político’ – diz Péricles no seu discurso – ‘não se propõe usar as leis (νόμους) dos outros; somos mais autores do que imitadores’. Eurípides (*Supp.* 430-436) introduz novos factores numa lei sólida e fiável; a lei deve ser pensada no interesse de todos, e não propriedade arbitrária de quem governa. Assim entendida, elimina fracturas como a que a riqueza ou a classe social produzem. A objectividade que lhe é exigida é assegurada pela versão escrita dos fundamentos legais, como garantia de permanência e de imparcialidade. Se convencidos do rigor da lei, os cidadãos tendem a pôr de parte o recurso a uma justiça pessoal e popular. O proveito mais louvável de uma lei eficaz chama-se liberdade, um valor que interfere positivamente na vida individual e colectiva (Thuc. 2. 37. 2). Liberdade pressupõe, no funcionamento democrático, partilha de poder e intervenção individual nos destinos colectivos. A relação de quem governa com toda a comunidade é assegurada pelo maior instrumento da liberdade: o uso livre e igual da palavra – a *parrhesia* e a *isegoria* (*Heracl.* 181-183, *Ion* 671-672), que elimina prerrogativas de classe (435-441); ‘o fraco pode responder ao insulto do forte, e o pequeno, se a razão lhe assiste, pode vencer o grande’. Mas o direito à palavra inclui também a protecção da diferença; nem todos, neste recurso, têm igual competência; logo a *isegoria* proporciona, aos que têm para isso capacidade, ensejo de pôr a sua prudência ao serviço do bem comum; mas o direito de brilhar não elimina a prerrogativa contrária, a de manter o silêncio. Em tal regime, a verdadeira *arete* não tem a ver com riqueza, numa arquitectura em que ricos e pobres são iguais (407-408; cf. Thuc. 2. 37. 1); não é por falta de meios que o indivíduo capaz se vê privado de colaborar no interesse comum.

A todas estas virtudes que rodeiam o modelo de uma cidade ideal acresce a valentia, o vigor bélico, que exige à *polis* o cumprimento de uma tradição épica. No campo de batalha, se necessário, Atenas põe à prova os seus valores. Antes de conseguida a vitória, um brado do rei para mobilização dos subordinados lembra ainda os ideais que lhes devem justificar cada golpe; são eles que consolidam, na hora do perigo, todas as vontades num só braço (*Heracl.* 825-827, 839-840, *Supp.* 710-712). Mas obtido o sucesso, ao soberano cabe ainda uma palavra de contenção, para evitar excessos ou saques ambiciosos, que poriam em causa o objectivo, apenas altruísta, da campanha (*Heracl.* 964-966, 1012-1013, *Supp.* 723-730).

O tempo, no entanto, permitiu constatar que, sob um traçado ideal, a democracia denunciava fraquezas. A realidade provou a modéstia daqueles que assumiram as rédeas do poder. Na prática, as questões económicas e o estatuto social estabeleceram diferenças; os pobres, os lavradores humildes, não têm capacidade de intervir (420-421). A honestidade não compensa, porque o êxito cabe aos oportunistas, gente anónima catapultada para o poder, cuja arma poderosa é o discurso (423-425). A oratória, em vez de servir à construção de decisões ponderadas, é usada demagogicamente, na compra de votos em favor de interesses ocultos (412-416). Por seu lado, a massa anónima é susceptível ao logro e atraída pelo vazio dos discursos (417-418). Falta-lhe cultura, educação e, por isso, competência. A chamada ‘psicologia de massas’ não é mais inócua do que a *hybris* do tirano; precipitação e excesso são as suas propensões naturais. Mas apesar dos seus defeitos, a Atenas democrática podia, mesmo assim, orgulhar-se do avanço que a sua experiência governativa representava, para o mundo grego e afinal para toda a Humanidade.



## BIBLIOGRAFIA FINAL

- AA.VV. (1990), *Archéologie de la vigne et du vin. Actes du colloque 28-29 mai 1988*, Paris.
- AA.VV. (1992), *Archeologia del paesaggio. IV Ciclo di lezioni sulla ricerca applicata in archeologia, Certosa di Pontignano (Siena) 14 - 26 gennaio 1991*, Firenze.
- AA.VV. (1997), *Uomo, acqua e paesaggio. Atti dell'incontro di studio sul tema irreggimentazione delle acque e trasformazione del paesaggio antico*, S. Maria Capua Vetere 22 - 23 novembre 1996, Roma.
- AA.VV. (1998), *El vi a l'antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental. II Colloqui internacional d'arqueologia romana. Actes. Badalona, 6 - 9 de maig de 1998*, Badalona.
- AA.VV. (1999), *El vino en la antigüedad romana. Simposio arqueología del vino, Jérez 2, 3 y 4 de octubre 1996*, Madrid.
- AA.VV. (1999b), *Environmental reconstruction in Mediterranean landscape archaeology*, Oxford.
- AA.VV. (2001), *La cerveza en la antigüedad*, Sevilla.
- AA.VV. (2004), *Le vin. Nectar des dieux, génie des hommes*, Gollion.
- Abascal, J. Manuel, Espinosa, Urbano (1989), *La ciudad hispano-romana. Privilegio y poder*, Logronho.
- Abásolo, J. A., Mayer, M. (1997), "Inscripciones latinas", in S. Corchón (coord.), *La Cueva de la Griega de Pedraza (Segovia)*, Zamora, 183-259.
- Abbondanza, L. (ed.) (2008), *Filostrato Maggiore*, Milano.
- Acosta-Hughes, B. (2002), *Polyeideia. The Iambi of Callimachus and the Archaic Iambic Tradition*, Berkeley and Los Angeles.
- Adams, C. (2001), "There and back again. Getting around in Roman Egypt", in Adams, C. and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres and Nova Iorque, 138-166.
- Adams, J. N. (2003), *Bilingualism and the Latin language*, Cambridge.
- Adams, J. N. (2003a), "Romanitas and the Latin language", *CQ* 53: 184-205.
- Affatato, R. (2010), "Nueva York: recepción del mito de la ciudad en Federico García Lorca e Italo Calvino", in J. M. Losada Goya (ed.), *Mito y mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari, 627-640.
- Albuquerque, M. de (1968), *O poder político no Renascimento português*, Lisboa.
- Albuquerque, M. de (1981), "Bártolo e bartolismo na história do direito português", *Boletim do Ministério da Justiça* 304: 41-61.
- Albuquerque, M. de (1983), *Estudos de cultura portuguesa*, I, Lisboa.

- Alexandrescu-Vianu, M. (1988), "O nouă posibilă genealogie a familiei lui Hippolochos, fiul lui Theodotod, de la Histria", *SCIVA* 39.3: 275-280.
- Alexandrescu-Vianu, M. (1989), "Apollon Ietros. Ein verschollener Gott Ioniens?", *IstMitt* 39: 115-122.
- Alexandrescu-Vianu, M. (1990), "Die Steinskulptur von Histria", in P. Alexandrescu, W. Schuller (eds.) *Histria. Eine Griechenstadt an der rumänischen Schwarzmeerküste*, Xenia. Konstanzer Althistorische Vorträge und Forschungen 25, Konstanz, 179-232.
- Alexandrescu-Vianu, M. (2000), "Une alternative d'identification de la statue colossale d'Istros", in A. Avram, M. Babeş (eds.) *Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70<sup>e</sup> anniversaire*, Bucarest, 274-281.
- Alexandridis, A. (2004), *Die Frauen des römischen Kaiserhauses. Eine Untersuchung ihrer bildlichen Darstellung von Livia bis Iulia Domna*, Mainz.
- Alfayé, S., Marco, F. (2008), "Religion, language and identity in Hispania: Celtiberian and Lusitanian rock inscriptions", in R. Häußler (ed.), *Romanisation et épigraphie. Etudes interdisciplinaires sur l'acculturation et l'identité dans l'Empire romain*, Montagne.
- Alföldi, A. (1948), *The conversion of Constantine and Pagan Rome*, Oxford.
- Alföldy, G. (1969), *Fasti Hispanienses*, Wiesbaden.
- Alföldy, G. (1973), *Flamines provinciae Hispaniae citerioris*, Madrid.
- Alföldy, G. (1991), "Augustus und die Inschriften: Tradition und Innovation. Die Geburt der imperialen Epigraphik", *Gymnasium* 98: 289-324.
- Allen, A. (1951), *History of political thought in the sixteenth century*. London
- Altaner, B., Stuiber, A. (2<sup>a</sup> ed. 1972), *Patrologia*, São Paulo.
- Amouretti, M.C., Brun J.-P. (eds.) (1993), *La production du vin et de l'huile en Méditerranée. Actes du symposium international organisé par le Centre Camille Jullian et le Centre archéologique du Var, Aix-en-Provence et Toulon 20-22 novembre 1991* (BCH suppl. 26), Athènes.
- Ando, C. (2003), "A Religion for the Empire", in A. J. Boyle, W. J. Dominik (eds.), *Flavian Rome. Culture, Image, Text*, Leiden, Boston 323-344.
- Ando, C. (2006), "Interpretatio Romana", in L. de Blois, P. Funke, J. Hahn, (eds.), *The Impact of Imperial Rome on Religions, Ritual and Religious Life in the Roman Empire, Proceedings of the Fifth Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire 200 B.C. - A.D. 476.)*, Leiden, Boston 51-65.
- Andrade, A. A. (1959), *S. Tomás de Aquino no período áureo da filosofia portuguesa*, Lisboa.
- Andrade, A. A. de (1965), *Antologia do pensamento político português (séc. XVI)*, vol. I. Lisboa.

- Andrade, M. (1974), “Lira Paulistana”, in *Poesias completas*, São Paulo.
- Andreu, J. (2004), *Edictum, Municipium y Lex: Hispania en época flavia (69-96 d. C.)*, BAR Int. Ser. 1293, Oxford.
- Antonietti, C. (1999), “Megara e le sue colonie: unità storico-culturale?”, in C. Antonetti, P. Lévêque (eds.) *Il dinamismo della colonizzazione greca, Atti della tavola rotonda “Espansione e colonizzazione greca di età arcaica: metodologie e problemi a confronto”, Venezia, 10-11/11*, Besançon-Paris, 17-24.
- Aquino, T. de (1946), *Des lois de Saint Thomas d'Aquin*. Texte traduit et présenté par J. de la Croix Kaelin O. P., Paris.
- Arnaldi, A. (2010), “Osservazioni sul flaminato dei *Divi* nelle provincie africane”, in M. Milanese, P. Ruggeri, C. Vismara, (eds.), *L'Africa romana. Luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle provincie africane. Atti del XVIII convegno di studio. Olbia 11-14 dicembre 2008*, vol. III, Roma, 1645-1665.
- Arruda, A. M. (2005), “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”, *O Arqueólogo Português Série IV*: 23: 59-74.
- Arzone, A. (2011), “Alcune considerazioni sulle immagini di pietre miliari e sui riferimenti alle strade nel documento monetale”, in *I miliari lungo le strade dell'Impero*. Caselle di Somma campagna Verona, 77-92.
- Asensi, R. M., Musso, O. (1990), “Un documento etrusco di Tarragona”, *Quaderni della sezione di Studi Storici Alberto Boscolo* 1: 5-11.
- Aston, M. (1997), *Interpreting the landscape. Landscape archaeology and local history*, London.
- ATL = B.D. Meritt, WadeGery, H.T., McGregor, M.F., *The Athenian Tribute Lists*, 4 vs, Princeton.
- Aubert, J.-M. (1955), *Le droit romain dans l'oeuvre de Saint Thomas*, Paris.
- Avery, H. C. (1971), “Euripides' *Heraclidae*”, *AJPh* 92: 539-565.
- Avram, A., Lefèvre, F. (1995), “Les cultes de Callatis et l'oracle de Delphes”, *REG* 108: 7-23.
- Bacchielli, L. (1986), “Monumenti funerari a forma di *cupula*: origine e diffusione in Italia meridionale”, in A. Mastino (ed.), *L' Africa Romana: atti del 3. convegno di studio Sassari 13-15 dicembre 1985*, Sassari, 303-319.
- Bailly, A. (1963), *Dictionnaire grec-français*, Paris.
- Balass, G. (s.d.), “The Female Breast as a Source of Charity: Artistic Depictions of *Caritas Romana*”, [www.Academia.edu/4006836](http://www.Academia.edu/4006836).
- Baldassarre, I. (1979), “Zetema (Ζήτημα)” (a. 1973), *Enciclopedia dell'Arte Antica*, Suppl. 1979: 944-945.
- Baldassarre, I., Bragantini, I., Morselli, C. and Taglietti, F. (1996), *Necropoli di Porto. Isola Sacra*, Roma.

- Balil, A. (1984-88), "Las *cupae* de *Barcino*. Contribución al estudio de un tipo de monumento funerario romano", *Arqueologia e Historia*: 111-115.
- Baratta, G. (1993), "Una divinità gallo-romana. *Sucellus*. Un'ipotesi interpretativa", *ArchCl* 45: 233-247.
- Baratta, G. (1994), "*Circa Alpes ligneis vasis condunt circulisque cingunt*", *ArchClass* 46: 232-260.
- Baratta, G. (1997), "Le botti: dati e questioni", in *Techniques et économie antique et médiévale. Le temps de l'innovation. Colloque international, Aix-en-Provence 21-23 Mai 1997*, Paris, 109-112.
- Baratta, G. (1997), "*Sucellus*", in *Enciclopedia dell'Arte Antica classica e orientale*, Supplemento 1991-1994, V, Roma, 482.
- Baratta, G. (2005a), "La *cupa* nell'ambito femminile: dalla *caupona* al *loculus*?", in F. Cenerini, A. Buonopane (eds.), *Donna e vita cittadina nella documentazione epigrafica*, 95-108.
- Baratta, G. (2005b), *Römische Kelteranlagen auf der italienischen Halbinsel. Ein Überblick über die schriftlichen, bildlichen und archäologischen Quellen (200 v.Chr. - 400. n.Chr.)* (Cornucopia, 11), Murcia.
- Baratta, G. (2005c), "Appunti sulle variabili e costanti dell'*interpretatio* religiosa nell'occidente romano, in F. de Oliveira, (ed.), *Génesis e consolidação da Ideia de Europa*, vol.III, *O Mundo Romano*, Coimbra, 123-134
- Baratta, G. (2006a), "Alcune osservazioni sulla genesi e la diffusione delle *cupae*", in *Atti del XVI Convegno internazionale de L'Africa Romana* (Rabat, 15-19 dicembre 2004), Roma, 355-368.
- Baratta, G. (2006b), "Nuovi dati sull'iconografia delle mandorle nei sarcofagi strigilati. Un primo approccio ad un corpus", *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Macerata* 26: 65-120.
- Baratta, G. (2007), "La mandorla centrale dei sarcofagi strigilati. Un campo iconografico ed i suoi simboli", in F. Hoelscher, T. Hoelscher (eds.), *Römische Bilderwelten. Von der Wirklichkeit zum Bild und zurück. Kolloquium der Gerda Henkel Stiftung am Deutschen Archäologischen Institut Rom*, Heidelberg, 191-215.
- Baron, H. (1938), "Cicero and the Roman civic spirit in the Middle Ages and the Early Renaissance", *Bulletin of the John Rylands Library* 22: 84-89.
- Baron, H. (1970), *La crisi del primo Rinascimento italiano*, Firenze.
- Barresi, P. (2007), "Il sofista Flavio Damiano di Efeso e la costruzione di termeginnasi nell'Asia Minore romana di età imperiale", in O. D. Cordovana, M. Galli, (eds.), *Arte e memoria culturale nell'età della Seconda Sofistica*, Catania, 137-151.
- Barros, J. de (1919), *Geografia d'Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, Porto.

- Barros, J. de (1937), *Panegíricos – Panegrico de D. João III e da Infanta D. Maria*, Texto restituído, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa, Lisboa.
- Bassignano, M.S. (1974), *I flaminato nelle provincie romane dell’Africa*, Roma.
- Bastos, E. (1991), *Entre o escândalo e o sucesso. A semana de 22 e o Armory show*, Campinas.
- Battaglia, M. (2003), “Il Vulcano dei Germani in Giulio Cesare (B.G. VI, 21, 1). Un caso di *interpretatio*?” *Athenaeum* 91: 373-401.
- Beagon, M. (2005), *The Elder Pliny on the Human Animal: Natural History Book 7*, Oxford.
- Beard, M., North, J., Price, S. (1998), *Religions of Rome*, vol. I, *A History*, Cambridge.
- Behr, C.A. (ed.) (1973), *Aristides*, vol. I, *Panathenaic Oration in Defence of Oratory*, London.
- Behrends, M. et alii (eds.) (2000), *Hygin. L’oeuvre gromatique*, Luxemburg.
- Bejarano Osorio, A. M. (1996), “Sepulturas de incineración en la necrópolis oriental de Mérida: las variantes de *cupae* monolíticas”, *Anas* 9: 37-58.
- Belmonte, J. A. (2010), “Documentación fenicio-púnica en la Península Ibérica: estado de la cuestión”, in G. Carrasco y J. C. Oliva (eds.), *El Mediterráneo antiguo: lenguas y escrituras*, Cuenca, 159-220.
- Beltrán, F. ed. (1995), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en occidente*, Zaragoza.
- Beltrán, F. (2000), “La vida en la frontera”, in F. Beltrán, M. Martín-Bueno y F. Pina, *Roma en la Cuenca Media del Ebro. La romanización en Aragón*, Zaragoza.
- Beltrán, F. (2002), “Identidad cívica y adhesión al príncipe en las emisiones municipales hispanas”, in F. Marco, F. Pina y J. Remesal (eds.), *Religión y propaganda política en el mundo romano*, Barcelona, 159-187.
- Beltrán, F. (2004), “El latín en la Hispania romana: una perspectiva histórica”, in R. Cano (ed.), *Historia de la lengua española*, Barcelona, 83-106.
- Beltrán, F. (2004a), “*Nos Celtis genitos et ex Hiberis*. Apuntes sobre las identidades colectivas en Celtiberia”, in G. Cruz Andreotti y B. Mora Serrano (eds.), *Identidades étnicas – Identidades políticas en el mundo prerromano hispano*, *Kronion* 1, Málaga, 87-145.
- Beltrán, F. (2004b), “De nuevo sobre la tésera Froehner”, *Palaeohispanica* 4: 45-65.
- Beltrán, F. (2004c), “Imagen y escritura en la moneda hispánica”, in F. Chaves y F. J. García (eds.), *Moneta qua scripta. La moneda como soporte de la escritura. Actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*, Anejos de *AEspA* 33: 125-139.

- Beltrán, F. (2004d), “Libertos y cultura epigráfica en la Hispania republicana”, in F. Marco, F. Pina y J. Remesal (eds.), *Vivir en tierra extraña: emigración e integración cultural en el mundo antiguo*, Barcelona, 151-175.
- Beltrán, F. (2005), “Cultura escrita, epigrafía y ciudad en el ámbito paleohispánico”, *Palaeohispanica* 5: 21-56.
- Beltrán, F. (2006), “Hispania y el Mediterráneo en los siglos II y I a. E.: diversidad cultural y movilidad social”, in F. de Oliveira, P. Thiercy, R. Vilaça (eds.), *O mar greco-latino*, Coimbra, 223-240.
- Beltrán, F. (2009), “Vltra eos palos. Una nueva lectura de la línea 7 de la *Tabula Contrebiensis*”, in *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua. Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*, Anejos de *AEspA* 48: 33-42.
- Beltrán, F. (2011), “Lengua e identidad en la Hispania romana”, *Palaeohispanica* 11:19-59.
- Beltrán, F. (2011a), “¿Firmas de artesano o sedes de asociaciones comerciales? A propósito de los epígrafes musivos de Caminreal (E.7.1), Andelo (K.28.1) y El Burgo de Ebro (*HEp* 11, 2001, 621 = *AE* 2001, 1237)”, in E. Luján y J. M. García Alonso (eds.), *A Greek man in the Iberian street. Papers in Linguistics and Epigraphy in honour of Javier de Hoz. Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft* 140, Innsbruck, 139-147.
- Beltrán, F. (2011b), “Les colonies latines d’Hispanie (IIe siècle av. E.): émigration italique et intégration politique”, in N. Barrandon y F. Kirbihler (eds.), *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Rennes, 131-144.
- Beltrán, F. (2012), “Roma y la epigrafía ibérica sobre piedra del nordeste peninsular”, *Palaeohispanica* 12: 9-30.
- Beltrán, F. (inédito), “Diversidad cultural y epigrafía: el ejemplo de Hispania”, *XII Congressus Internationalis epigraphiae Graecae et Latinae*, Barcelona septiembre de 2002.
- Beltrán, F., Estarán, M. J. (2011), “Comunicación epigráfica e inscripciones bilingües en la Península Ibérica”, in C. Ruiz Darasse y E. Luján (eds.), *Contacts linguistiques dans l’Occident méditerranéen antique. Collection de la Casa de Velázquez* (126), Madrid, 9-25.
- Beltrán, F., Velaza, J. (2009), “De etnias y monedas: las “cecas vasconas”, una revisión crítica”, in J. Andreu (ed.), *Los vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*, Barcelona, 99-126.
- Beltrán, F., Arasa, F. (1979-1980), “Los itineraria privata en la epigrafía latina”, *Historia Antiqua*, 9-10: 7-29.
- Beltrán, F., Jordán, C., Marco, F. (2005), “Novedades epigráficas en Peñalba de Villastar (Teruel)”, *Palaeohispanica* 5: 911-956.
- Bentley, J. H. (1978), *Politics and culture in Renaissance Naples*, Princeton.

- Berciu, I., Wolski, W. (1970), "Un nouveau type de tombe mise au jour à *Apulum* et le problème des sarcophages à voûte de l'Empire romain", *Latomus* 29: 919-965.
- Bergmann, M. (1998), *Die Strahlen der Herrscher. Theomorphes und politische Symbolik im Hellenismus und in der römischen Kaiserzeit*, Mainz.
- Berruti, V., Magistà, A. (eds.) (2009), *L'automobile. Marche e modelli dalle origini a oggi*, vol. 6, *Lancia*, Roma.
- Besnier M., Chapot, V. (1913), "Via", *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, 5, Paris, 777-817.
- Bettini, C. (2008), "Tre Valascos nell'Italia del quattrocento: Meser Valasco di Vespasiano da Bisticci, Petrus Vallascis di Cataldo Siculo e Vasco Fernandes de Lucena", *Humanitas* 60: 205-226.
- Bettini, M., Boldrini, M., Calabrese, O., Piccinni, G. (eds.) (2010), *Miti di città*, Siena.
- Binsfeld, W. (1979), "Zu treverischen Kultdenkmälern", in *Festschrift 100 Jahre Rheinisches Landesmuseum Trier. Beiträge zur Archäologie und Kunst des Trierer Landes*, Mainz, 263-269.
- Blackman, D. (1969), "The Athenian Navy and Allied Naval Contributions in the Pentecontaetia", *GRBS* 10: 179-216.
- Blanco Freijeiro, A. (1977), *El puente de Alcántara en su contexto histórico*, Madrid.
- Boardman, J. (1986), *I Greci sui Mari. Traffici e Colonie*, Trad. ital., Firenze, Giunti.
- Boffo, L. (1975), "Cimone e gli alleatidi Atene", *RIL* 109: 442-50.
- Bol, R. (1984). *Das Statuenprogramm des Herodes-Atticus-Nymphäums*, Berlin.
- Bona, G. (ed.) (1988), *Pindaro. I peani*, Cuneo.
- Bonfante, G., Bonfante, L. (2002), *The Etruscan language. An introduction. Revised edition*, Manchester and New York.
- Bonneville, J.-N. (1981), "Les *cupae* de Barcelone: les origines du type monumental", *MCV* 17: 5-38.
- Bontems, C. (1965), *Le prince dans la France des XVIe e XVIIe siècles*, Paris.
- Bordenache, G. (1960), "Antichità greche e romane nel nuovo Museo di Mangalia", *Dacia* N. S. 4: 489-509.
- Bordenache, G. (1961), "Histria alla luce del suo materiale scultoreo", *Dacia* N. S., 185-211.fig. 16.
- Bordenache, G. (1969), *Sculture greche e romane del Museo Nazionale di Antichità di Bucarest I. Statue e rilievi di culto, elementi architettonici e decorativi*, Bukarest.
- Boschung, D. (1993a), *Die Bildnisse des Augustus*, Berlin.

- Boschung, D. (1993b), "Die Bildungstypen der julisch-claudischen Kaiserfamilie: ein kritischer Forschungsbericht", *JRA* 6: 39-79
- Boschung, D. (2002), *Gens Augusta. Untersuchungen zu Aufstellung, Wirkung und Bedeutung der Statuengruppen des julisch-claudischen Kaiserhauses*, Mainz.
- Boucher, S. (1987), "L'image et les fonctions du dieu *Sucellus*", *Caesarodunum* 23: 77-85.
- Boulanger, A. (1923), *Aelius Aristide et la sophistique dans la province d'Asie au II<sup>e</sup> siècle de notre ère*, Paris.
- Bowersock, G.W. (1969), *Greek Sophists in the Roman Empire*, Oxford.
- Braancamp Freire A. (ed.) (1916), *Notícias da Vida de André de Resende pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira*, Lisboa.
- Bracco, V. (1985), "Il tabellarius di Polla", *Epigraphica* 47: 93-97.
- Brandão, M. (1937), *Documentos de D. João III*, I, Coimbra.
- Brandt, H. (1998), *Geschichte der römischer Kaiserzeit. Von Diokletian und Konstantin bis zum Ende der konstantinische Dynastie (264-363)*, Berlin.
- Briant, P. (2002), *From Cyrus to Alexander. A History of the Persian Empire*, Winona Lake.
- Brown, B.R. (1957), *Ptolemaic Paintings and Mosaics and the Alexandrian style*, Cambridge.
- Brown, T. S. (1946), "Euhemerus and the Historians", *HTbR* 39: 259-274.
- Brun, J.-P. (1986), *L'oléiculture antique en Provence. Les huiliers du département du Var* (RANArb suppl. 15), Paris.
- Brun, J.-P. (2003), *Le vin et l'huile dans la Méditerranée antique. Viticulture, oléiculture et procédés de transformation*, Paris.
- Brun, J.-P. (2004), *Archéologie du vin et de l'huile dans l'empire romain*, Paris.
- Brun, J.-P. (2005), *Archéologie du vin et d'huile en Gaule romaine*, Paris.
- Bruneau, P. (1985), "Deliaca. Iconographie. L'image de Delos personifiée e pyxides de Spina", *BCH* 109: 551-556.
- Búa, C. (1997), "Dialectos indoeuropeos na franxa occidental hispânica", in G. Pereira (ed.), *Galicia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, volumen I. Historia*, Santiago de Compostela, 51-99.
- Buck, R. J. (1979), *A History of Boeotia*, Edmonton.
- Bulloch, A. W (1985), *Callimachus. The Fifth Hymn*, Cambridge.
- Bulloch, A. W (2010), "Hymns and Encomia", in J. J Clauss and M. Cuypers (eds.), *A Companion to Hellenistic Literature*, Malden/Oxford, 166-180.
- Burazacchini, G. (ed.) (2005), *Troia tra realtà e legenda*, Parma.
- Burckhardt J. (1949), *The Age of Constantine the Great*, Berkeley.



- Burke, P. (1987 3<sup>a</sup> ed.), *The Italian Renaissance culture and society in Italy*, Cambridge.
- Burkert, W. (1991), *Mito e Mitologia*, Ed. 70, Lisboa.
- Burkhalter-Arce, F. (2002), “Le tarif de Coptos”. La douane de Coptos, les fermiers de l’apostolion et le préfet du desert de Bérénice”, *Topoi* Supp. 3: 199-233.
- Burnett, A. P. (2005), *Pindar’s Songs for Young Athletes of Aigina*, Oxford.
- Bury, J. B., Cook, S. A., Adcock, F. E. (eds.), *The Cambridge Ancient History*, Vol. 4, Cambridge.
- Butcher, K. (2003), *Roman Syria and the Near East*, London.
- Buxton, R. (ed.) (1999), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford.
- Caccamo Caltabiano, M. (2003), “Messana/Tyche sulle monete della città dello stretto”, in *Archeologia del Mediterraneo. Studi in onore di Ernesto De Miro*, Roma, 139-149.
- Cadotte, A. (2007), *La romanisation des dieux. L’interpretatio romana en Afrique du Nord sous le Haut-Empire* (Religions in the Graeco-Roman world 158), Leiden.
- Caiado, H. (1745), *Eclogae et Sylvae et Epigrammata*, in Pe. A. dos Reis, *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum, qui latine scripserunt*, Lisboa.
- Cairns, D. L. (2010), *Bacchylides: five epinician odes (3, 5, 9, 11, 13)*, Cambridge.
- Camia, F. (2011), *Theoi sebastoi. Il culto degli imperatori romani in Grecia (provincia Achaia) nel secondo secolo D.C.*, Athina.
- Caldera de Castro, M. D. P. (1978), “Una sepultura de cupa hallada en Mérida. (Consideraciones acerca de estos monumentos funerarios)”, *Habis* 9: 455-463.
- Calderón Dorda, E., De Lazzer, A., Pellizer, E., (eds.) (2003), *Corpus Plutarchi Moraliū*, Naples.
- Calvino, I. (1996), “Diario americano, 1959-1966”, in *Eremita a Parigi. Pagine autobiografiche*, Milano, 20-124.
- Calvino, I. (1996a), *Città invisibili*, Milano.
- Camargos, M. (2001), *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*, São Paulo.
- Cameron A. (1993), *The later Roman empire: AD 284–430*, Cambridge.
- Cantemir, D. (2006), *The Salvation of the Wise Man and the Ruin of the Sinful World [...]*, ed., trans., notes, indices Ioana Feodorov, Editura Academiei, Bucuresti.
- Cantemirius, D. (1973), *Descriptio antiqui et hodierni status Moldaviae/ Dimitrie Cantemir, Descrierea Moldovei*, trans. Gh. Gutu, introd. Maria Holban, hist. com. N. Stoicescu, cartographical study Vintilă Mihailescu, index Ioana Constantinescu, note D. M. Pippidi, Bucuresti.

- Cantemirius, D. (2006), *Descriptio antiqui et hodierni status Moldaviae/ Dimitrie Cantemir, Principele Moldovei, Descrierea stării de odinioară și de astăzi a Moldovei*, ed., trans. Dan Slusanschi, Bucuresti.
- Cantineau, J. (1935), *Grammaire du palmyrénien épigraphique*, Le Caire.
- Carcopino, J.(s/d), *A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império* (trad A. J. Saraiva), Lisboa.
- Cardim Ribeiro, J. (2002), “Soli Aeterno Lunae. O santuário”, *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, 235-239.
- Cardim Ribeiro, J. (2005), “O *deus sanctus Endovellicus* durante a romanidade. Uma interpretatio local de Faunus-Silvanus?”, *Palaehispanica* 5: 721-766.
- Carlier p. (1990), *Démosthène*, Paris.
- Carneiro, A., d’Encarnação, J., de Oliveira, J., Teixeira, Cl. (2008), “Uma inscrição votiva em língua lusitana”, *Palaeohispanica* 8: 167-178.
- Caro, A. (2009), “Una fase decisiva en la evolución de la publicidad: la transición del producto a la marca”, *Pensar la publicidad*, III, 2: 109-114.
- Caro, A. (2010), *Comprender la publicidad*, Barcelona.
- Cartledge, P. (2009), *Ancient Greek Political Thought in Practice*, Cambridge.
- Carvalho, J. de (1947-1948), *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, 2 vols. Coimbra.
- Carvalho, J. de (1949), *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*, Coimbra.
- Cascudo, L. C. (1974), *Prelúdio e fuga do real*, Natal.
- Cascudo, L. C. (1983), *Civilização e Cultura, pesquisas e notas de etnografia geral*, Belo Horizonte.
- Cascudo, L. C. (1983, 2ª ed.), *Anúbis e outros ensaios. Mitologia e folclore*, Rio de Janeiro, Natal.
- Cascudo, L. C. (1987), *História dos nossos gestos*, Belo Horizonte, São Paulo.
- Cascudo, L.C. (1966), “História de um livro perdido”, *Arquivos do Instituto de Antropologia “Câmara Cascudo”* 2.1-2: 5-19.
- Castelli, E. (1951) (ed.), *Umanesimo e Scienza politica. Atti del congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949*, Milano.
- Castillo, C. (1998), “Los *flamines* provinciales de la Bética”, *REA* 100: 437-460
- Cawkwell, G. (2005), *The Greek Wars. The Failure of Persia*, Oxford.
- Cesarano, M. (2015), In honorem domus divinae. *Introduzione allo studio dei cicli statuari giulio-claudii a Roma e in Occidente*, Roma.
- Clauss, M. (1979), *Kaiser und Gott: Herrscherkult im römischen Reich*, Berlin.
- Chamie, M. (2009), *Paulicéia dilacerada*, Ribeirão Preto.
- Chanotis, A. (2009), “The Dynamics of Rituals in the Roman Empire”, in O.

- Hekster, S. Schmidt-Hofner, Chr. Witschel (eds.), *Ritual Dynamics and Religious Change in the Roman Empire. Proceedings of the Eight Workshop of International Network Impact of Empire*, Leiden, Boston, 3-29
- Charles-Picard, G., Rougé, J. (1969), *Textes et documents relatifs à la vie économique et sociale dans l'Empire romain*, Paris.
- Chassaing, M. (1961), "Les barillets frontiniens", *RAE* 12: 7-33, 89-106.
- Chelotti, M. (2003), *Regio II, Apulia et Calabria, Venusia* (Supplementa Italica 20), Roma.
- Cherry, D. (1998), *Frontier and Society in Roman North Africa*, Oxford.
- Chevallier, R. (1972), *Les voies romaines*, Paris.
- Chevallier, R. (1988), *Voyages et déplacements dans l'Empire romain*, Paris.
- Chiarelli, G. (1932), "Il 'De regno' di Francesco Patrizi", *Rivista internazionale di filosofia del diritto*, Anno XII. (Nov-Dec.): 716-738.
- Cistercienses (Os). Documentos primitivos. Texto latino e tradução brasileira.* (1997) Introdução e bibliografia Irmão François de Place, Tradução de Irineu Guimarães, Musa, S. Paulo; Lúmen Christi, Rio de Janeiro 1997.
- Clauss, J., Cuypers, M. (eds.) (2010), *A Companion to Hellenistic Literature*, Chichester, West Sussex.
- Clavel-Lévêque, M. et alii (eds.) (1993), *Siculus Flaccus. Les conditions des terres*, Nápoles.
- Clavel-Lévêque, M. et alii (eds.) (1996), *Hygin l'arpenteur. L' établissement des limites*, Nápoles.
- Clayton, P.A. (1989), *Le sette Meraviglie del mondo*, Torino. (*The Seven Wonders of the Ancient World*, London, 1988).
- Cogitore, I. (1996), "Séries de dédicaces italiennes à la dynastie julio-claudienne", *MEFRA* 104 : 817-870.
- Colasso, F. (1951), "Umanesimo giuridico", in E. Castelli (ed.), *Umanesimo e Scienza politica (Atti dei Congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949)*, Milano, 57-58.
- Colecchia, A., Bertolani, G. B., Marcante, A. et alii (2004), *L'Alto Garda occidentale dalla preistoria al postmedioevo. Archeologia, storia del popolamento e trasformazione del paesaggio* (Documenti di archeologia, 36), Mantova.
- Colonna, G. (1980), "Virgilio, Cortona e la leggenda etrusca di Dardano", *Archeologia Classica* 32: 1-15.
- Conger, G. P. (1952), "Did India influence Early Greek Philosophies?", *Philosophy East and West* 2.2: 102-128.
- Conti, S. (1997), "Dinastia giulio-claudia a Roselle: una serie di dediche imperiali in Etruria", *Ann. Fac. Lett. e Filos. Univ. Siena* 18: 101-127.

- Conti, S. (1998), *Rusellae, Suppl. It. n. s. 16*, Roma.
- Cook, J. M. (1971), *Os Gregos na Iónia e no Oriente*, Lisboa.
- Cooley, A. E. (ed.) (2002), *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*. JRA Suppl. Ser. 48, Portsmouth.
- Cooley, A. E. (2002), “The survival of Oscan in Roman Pompeii”, in E. A. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? : Literacy and Epigraphy in the Roman West*, JRA Suppl. Ser. 48: 77-86.
- Cordovana, O. D., Galli, M. (eds.) (2007), *Arte e memoria culturale nell'età della Seconda Sofistica*, Catania.
- Corell, J. (1989), “Notas sobre epigrafía romana del País Valenciano”, *APL* 19: 271-281.
- Costa, A. D. S. (1969), *Estudantes portugueses na reitoria do Colégio de S. Clemente de Bolonha na primeira metade do século XV*, Lisboa.
- Costa, A. D. S. (1990), *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante o século XV*, vol. I, Bolonia.
- Coulanges, F. de. (1971, 10<sup>a</sup> ed.), *A cidade antiga*, Trad. e glossário de Fernando de Aguiar, Livraria Clássica Editora, Lisboa.
- Crawford, M. H., Reynolds, J. M. (1979), “The Aezani copy of the Prices Edict”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 34: 163-210.
- Crystal, D. (2000), *Language death*, Cambridge.
- Curado, F. P. (1985), “Inscrição rupestre de Freixo de Numão”, *Ficheiro Epigráfico* 11: nº48.
- David, B., Thomas J. (eds.) (2008), *Handbook of landscape archaeology* (World archaeological congress research handbooks in archaeology, 1), Walnut Creek.
- Davie, J. N. (1982), “Theseus the king in fifth-century Athens”, *G&R* 29.1: 25-34.
- DCPH = M. P. García-Bellido y C. Blázquez (2001), *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos*, Madrid.
- De Bernardo Stempel, P. (2008), “More names, fewer deities. Complex theonymic formulas and the three types of interpretation”, in *Divindades indígenas em análise. Divinités pré-romaines. Bilan et perspectives d'une recherche. Actas do VII workshop FERCAN, Cascais, 25-27.5.2006*, Coimbra, 65-73.
- De Hoz, J. (2001), “La lengua de los íberos y los documentos epigráficos en la comarca de Requena-Utiel”, in A. J. Lorrio (ed.), *Los íberos en la comarca de Requena-Utiel (Valencia)*, Madrid, 49-62.
- De Hoz, J. (2010), *Historia lingüística de la Península Ibérica en la Antigüedad. I. Preliminares y mundo meridional prerromano*, Madrid.

- De Hoz, M. P. (1997), “Epigrafia griega en Hispania”, *Epigraphica* 59: 29-93.
- De Labriolle, P. (1934), *La reaction païenne*, Paris.
- De Martino, D. (2010), “Spot, etica e letteratura”, *La nuova ricerca. Pubblicazione annuale del Dipartimento di Linguistica, Letteratura e Filologia moderna dell’Università degli studi di Bari*, anno XIX. 19, 117-128.
- De Martino, D. (2010<sup>bis</sup>), “Automobili da mito”, in F. De Martino (ed.), *Antichità & pubblicità*, Bari, 443-522.
- De Martino, D. (2011), *Io sono Giulietta. Letterature & miti nella pubblicità di auto*, Bari.
- De Martino, D. (2012), “Una forma de subversión del mito literario: de la novela a la publicidad”, in J. M. Losada Goya, M. Guirao Ochoa (eds.), *Myth and Subversion in the Contemporary Novel*, Cambridge, 421-436.
- De Martino, D. (2013), *Dante & la pubblicità*, Bari.
- De Martino, F., Vox, O. (1996) (eds.), *Lirica greca*, vol. 3, Bari.
- De Ruyt, Cl. (1983), *Macellum. Marché alimentaire des romains*, Louvain-la-Neuve.
- De Santerre, H. H. (1976), “Athènes, Délos et Delphes d’après une peinture de vase à figure rouges du V siècle avant J.-C.”, *BCH* 100: 291-298.
- De Vos, M., Andreoli, M., Attoui, R. et alii (2007), “Cilicia campestris orientale. L’economia rurale e la trasformazione del paesaggio intorno al Karasis”, in *Geografia e viaggi nell’antichità. Atti del convegno internazionale di studi (Certosa di Pontignano, 9-10 ottobre 2005)*, Siena, 13-39.
- Degl’Innocenti Pierini, R. (2012), “Le città personificate nella Roma repubblicana: fenomenologia di un motivo letterario tra retorica e poesia”, in G. Moretti, A. Bonandini (eds.), *Persona ficta. La personificazione allegorica nella cultura antica, fra letteratura, retorica e iconografia*, Trento, 215-247.
- Desbat, A. (1991), “Un bouchon de bois du Ier s. après J.-C. recueilli dans la Saône à Lyon et la question du tonneau à l’époque romaine”, *Gallia* 48: 319-336.
- Dias, P. B. (2011 2ª ed.), “Notas introdutórias”, in J. G. Freire, *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, 1-34.
- Dias, P. B. (2012), “Cristianismo e responsabilidade cristã na queda de Roma”, in F. Oliveira et alii (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa*, Coimbra, 43-67.
- Dias P. B. (2013), “O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo”, in M. C. Pimentel e P. Farmhouse Alberto (orgs.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*, Lisboa, 455-463

- Díaz, B. (2008), *Epigrafía latina republicana de Hispania*, Barcelona.
- Dittenberger, W., Purgold, K. (1896), *Inscripfen von Olympia*, Berlin.
- Dixon, R. M. W. (1997), *The rise and fall of languages*, Cambridge.
- Domăneanțu, C. (1993), “Un sanctuaire hellénistique du site de Nuntași II (comm. d’Istria, dep. De Constanța)”, *Dacia* 37: 59-78.
- Dörfler, W., Evans, A., Löhr, H. (1998), “Trier, Walramsneustrasse. Untersuchungen zum römerzeitlichen Landschaftswandel im Hunsrück-Eifel-Raum an einem Beispiel aus der Trierer Talweite“, in *Studien zur Archäologie der Kelten, Römer und Germanen in Mittel- und Westeuropa. Alfred Haffner zum 60. Geburtstag gewidmet*, Rahden, 119-152.
- Dubuisson, M. (1981), “Utraque lingua”, *L’Antiquité Classique* 50: 274-286.
- Dubuisson, M. (1982), “Y a-t-il une politique linguistique romaine?”, *Ktéma* 7: 197-210.
- Duchesne, L. (1887), “Le concile d’Elvire et les flamines chrétiens”, *Mélanges Renier*, Paris, 159-174.
- Dunkle, J. R. (1969), “The Aegeus episode and the theme of Euripides’ *Medea*”, *TAPhA* 100: 97-107.
- Durán Fuentes, M. (2005), *La construcción de puentes romanos en Hispania*, Santiago de Compostela.
- Eck, W. (2006), “Herrschaft und Kommunikation in antiken Gesellschaften. Das Beispiel Rom”, in U. Peter, S. J. Seidlmayer (eds.), *Mediengesellschaft Antike? Information und Kommunikation vom Alten Ägypten bis Byzanz*, Berlin, 11-33.
- Eco, U. (2013), *Storia delle terre e dei luoghi leggendari*, Milano.
- Eddy, S.K. (1968), “Four Hundred Sixty Talents Once More”, *CP* 63: 184-95.
- Edmonson, J. (1997), “Two dedications to Divus Augustus and Diva Augusta from Augusta Emerita and the early development of the imperial cult in Lusitania”, *MM* 38: 89-105.
- Edmondson, J. (2002), “Writing latin in the province of Lusitania”, in A. E. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? Literary and Epigraphy in the Roman West*, *JRA Suppl. Ser.* 48: 41-60.
- Ehrenberg, V. (1973, 2<sup>a</sup> ed.), *From Solon to Sócrates*, Londres.
- Ehrenberg, V. (1976), *L’État grec*, Paris.
- Ehrhardt, N. (1988), *Milet und seine Kolonien. Vergleichende Untersuchung der kultischen und politischen Einrichtungen*, ed. a II-a, Frankfurt, Main-Bern, New York, Paris.
- Elliger, W. (1975), *Die Darstellung der Landschaft in der griechischen Dichtung*, Berlin, New York.

- Elliott, Th. (1990), “The Language of Constantinian Propaganda”, *TAPhA* 120: 349-353.
- Encarnação, J. d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- Erasmus, D. (1703), *Opera omnia (in decem tomos distincta)*, Recognovit Joannes Clericus, Leiden.
- Erodoto (1988), *Le Storie. Libro I. La Lidia e la Persia. A cura di David Astheri*, Milano.
- Erskine, A. (ed.) (2003), *A Companion to the Hellenistic World*, Oxford.
- Espérandieu, E. (1907-1981), *Recueil général des bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule romaine*, Paris.
- Estarán, M. J. (2012), “Las estampillas ibérico-latinas K.5.4”, *Palaeohispanica* 12: 73-90
- ET = Rix, H. (1991), *Etruskische Texte*, Tübingen.
- Étienne, R. (1958), *Le culte impérial dans la Péninsule ibérique d'Auguste à Diocletien*, Paris.
- Étienne, R. (1973), “Les syncrétismes dans la Péninsule Ibérique à l'époque impériale”, in *Les syncrétismes dans les religions grecque et romaine*, Paris, 153-163.
- Étienne, R., Fabre, G.; Lévêque, P. et M. (1976), *Fouilles de Conimbriga*, vol. II, *Épigraphie et Sculpture*, Paris.
- Étienne, R., Fabre, G., Le Roux, P., Tranoy, A. (1976), “Les dimensions sociales de la romanisation dans la Péninsule Ibérique des origines à la fin de l'Empire”, in D. M. Pippidi (ed.), *Assimilation et résistance à la culture gréco-romaine dans le monde ancien. Travaux du VI<sup>e</sup> Congrès International d'Études Classiques*, București, Paris, 95-107.
- Étienne, R., Mayet, F. (2000), *Le vin hispanique*, Paris.
- Evans, J. A. S. (1981), “Notes on the debate of the Persian Grandees in Herodotus 3, 80-82”, *QUCC* 36: 79-84.
- Evers, C. (1994), *Les portraits d'Hadrien. Typologie et ateliers*, Bruxelles.
- Ewald, C., Norena, C. F. (eds.) (2010), *The Emperor and Rome: Space, Representation, Ritual*, Cambridge.
- Fabre, G., Mayer, M., Rodà, I. (1991), *Inscriptions romaines de Catalogne*, III, Paris.
- Fayer, C. (1976), *Il culto della dea Roma. Origine e diffusione nell'Impero*, Pescara.
- Fearn, D. (2007), *Bacchylides. Politics, performance, poetic tradition*, Oxford.
- Fernandes, L., Carvalho, P., Figueira, N. (2009), “Divindades indígenas numa ara inédita de Viseu”, *Palaeohispanica* 9: 143-155.
- Fernández Gallardo, L. (2002), *Alonso de Cartagena. Una biografía política en la Castilla del siglo XV*, Valladolid.

- Fernández Gallardo, L. (2008), “Alonso de Cartagena y el Humanismo”, *La Corónica* 37.1: 175- 215.
- Ferraz, C. (2002), “Conjunto de oito aras provenientes do *Lararium* de Centum Celas”, in V. L. Raposo, J. R. Ferreira (Coords.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, 467-469.
- Ferreira, J. R. (1988), “Grécia e Roma na Revolução Francesa”, *Revista de História das Ideias* 10: 203-234.
- Ferreira, J. R. (1990), *A democracia na Grécia Antiga*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (1990a), *Participação e poder na democracia grega*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (1993), *Hélade e Helenos I – Génese e Evolução de um Conceito*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (2004 2ª ed.), *A Grécia Antiga. Sociedade e Política*, Lisboa.
- Ferreira, J. R., (1991), “Presença da Grécia e de Roma na Revolução Francesa”, in *Actas do colóquio A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil*, Porto, vol. I, 75-96.
- Ferri, S. (1976), “Luci e ombre sulla interpretatio romana”, in *Convegno internazionale “Renania romana” Roma 14-16 aprile 1975*, Roma, 125-133.
- Ferrill, A. (1978), “Herodotus on tyranny”, *Historia* 27.3: 385-398.
- Figueira, T. J. (1998), *The Power of Money: Coinage and Politics in the Athenian Empire*, Philadelphia.
- Figueira, T. J. (2003), “Economic Integration and Monetary Consolidation in the Athenian Arkhê”, in G. Urso (ed.), *Moneta, Mercanti, Banchieri. I precedenti greci e romani dell’Euro*, Pisa, 71-92.
- Figueira, T. J. (2005), “The Imperial Commercial Tax and the Finances of the Athenian Hegemony”, *Incidenza dell’antico* 3: 83-133.
- Figueira, T. J. (2006), “Reconsidering the Athenian Coinage Decree”, *AIIN* 52: 9-44.
- Figueira, T. J. (2011), “The Athenian Naukraroi and Archaic Naval Warfare”, *Cadmo. Revista de História Antiga* 21: 183-210.
- Figueira, T. J. (forthcoming[a]), “Archaic Naval Warfare”, in N. Birgalias (ed.), *Great is the Power of the Sea: The Power of Sea and Sea Powers in the Greek world of the Archaic and Classical Periods*, Athens.
- Figueira, T. J. (forthcoming[b]), “The Aristeidian Tribute on the Peace of Nikias”, in S. Jensen, T. Figueira (eds.), *Athenian Hegemonic Finances*, Swansea.
- Figueira, T. J. (forthcoming[c]), “Community Wealth and Military Might in Periclean Athens”, in A.L. Pierris (ed.), *Mind, Might, Money: The Secular Triad in Classical Athens*, Patras.



- Figueira, T. J. (forthcoming[d]), "Aigina: Island as Paradigm", in A. Powell and K. Meidani (eds.), *The Eyesore of Aigina: Anti-Athenian Attitudes in Greek, Hellenistic and Roman History*, Swansea.
- Figueiredo, R., Lamounier, B. (1996), *As cidades que dão certo*, Brasília.
- Finley, M.I. (1966), *The Ancient Greeks. An introduction to their life and thought*, Londres. Trad. port.: *Os Gregos Antigos* (Lisboa, 2ª ed. 1988).
- Finley, M. I. (1973, 2ª ed.), *Democracy, ancient and modern*, London.
- Finley, M.I. (1973a), *The ancient economy*, London.
- Finley, M.I. (1982), *Authority and legitimacy in the classical city-state*, Kobenhavn.
- Fishwick, D. (1970), "Flamen Augustorum", *HSCP* 74: 299-312.
- Fishwick, D. (1982), "The altar of Augustus and the municipal cult of Tarraco", *MM* 23: 222-233
- Fishwick, D. (2002), *The Imperial Cult in the Latin West, 3/2, Provincial Cult / The Provincial Priesthood*, Leiden.
- Fishwick, D. (2005), *The Imperial Cult in the Latin West. Studies in the Ruler Cult of the Western Provinces of the Roman Empire*, Leiden, Boston.
- Fitton, J. W. (1961), "The Suppliant Women and the Herakleidai of Euripides", *Hermes* 89.4: 430-461.
- Flower, M. F. (2007), "Appendix R: The Size of Xerxes Expeditionary Force," in Robert B. Strassler (ed.), *The Landmark Herodotus: The Histories*, New York, 819-23.
- Fonseca, L. A. (1982), *O Condestável D. Pedro de Portugal*, Porto.
- Fontanella, F. (2008), "The Encomium on Rome as a response to Polybius' doubts about the Roman Empire", *Columbia Studies in the Classical Tradition* 33: 203-216.
- Forni, G. (1973), "El culto de Augusto en el compromiso oficial y en el sentimiento oriental", *BSAA* 39: 105-113.
- Forni, G. (1994), *Scritti vari di Storia, Epigraphia e antichità romane*, Roma.
- Franck, A. D. (1864), *Réformateurs et publicistes de l'Europe: Moyen Âge-Renaissance*, Paris.
- French, A. (1972), "The Tribute of the Allies", *Historia* 21: 3-20.
- Fuentes, M. J. (1986), *Corpus de las inscripciones fenicias, púnicas y neopúnicas de Hispania*, Barcelona.
- Gabba, S., Drioton, É. (1954), *Peintures à fresques et scènes peintes a Ermoupolis - Ourvest (Touna el-Gevel)*, Le Caire.
- Gaffiot, F. (s/d), *Dictionnaire latin-français*, Paris.
- Gagé, J. (1936), "Le *templum Urbis* et les origines de l'idée de *Renovatio*", in *Mélanges Franz Cumont*, Bruxelles, 151-187.

- Gagé, J. (1955), *Apollon romain. Éssai sur le culte d'Apollon et le développement du "ritus Graecus" à Rome des originrs à Auguste*, Paris.
- Gagé, J. (1968), "*Basiléia*". *Les Césars, les rois d'Orient et les "mages"*, Paris.
- Gagé, J. (1974), "Le *solemne Urbis* du 21 avril au III<sup>e</sup> siècle ap. J.-C.: Rites positives et speculations séculaires", *Mélanges d'histoire de religions offerts à Henri-Charles Puech*, Paris, 225-241.
- García Bellido, M. P. (1993), "Sobre el culto de Volcanus y Sucellus en Hispania. Testimonios numismáticos", in F. Burkhalter, J. Arce (eds.), *Bronces y religión romana. Actas del XI Congreso internacional de bronce antiguos, Madrid mayo - junio 1990*, Madrid, 161-170.
- García Iglésias, L. (1976), "Autenticidad de la inscripción de municipios que sufragaron el puente de Alcántara", *Revista de Estudios Extremeños* 32.2: 263-276.
- García Jurado, F. (2007), *Aulo Gelio, Noches Áticas. Antología*, Madrid.
- García Romero, F. (2002), "Pervivencia de Penélope", in C. Morenilla Talens, F. De Martino (eds.), *El perfil de les ombres*, Bari, 187-204.
- García Soler, M. J. (2010), "Gastronomia e pubblicità nella Grecia antica", in F. De Martino (ed.), *Antichità & pubblicità*, Bari, 345-366.
- Garin, E. (1955), "Ricerche sulle traduzioni di Platone nella prima metà del XV secolo", *Medioevo e Rinascimento, Studi in onore di B. Nardi*, Firenze.
- Garin, E. (1966), *Storia della filosofia italiana*, Torino.
- Garriguet, J. A. (2004), "Grupos estatuarios imperiales de la Bética: la evidencia escultórica y epigráfica", in *Actas de la IV reunión sobre escultura romana en Hispania*, Madrid, 67-101.
- Gasperini, L. (1977), "L'Augusteo di Firmo Piceno in un'epigrafe da rileggere", *AFML* 10: 57-87.
- Gasperini, L. (2008), "L'Augusteo di Forum Clodii", en L. Gasperini, G. Paci, (eds.), *Nuove ricerche sul culto imperiale in Italia*, Tivoli, 91-134.
- Gasperini, L., Paci, G. (eds.) (2008), *Nuove ricerche sul culto imperiale in Italia*, Tivoli.
- Gaudemet J. (1947), "La législation religieuse de Constantin", *Révue d' Histoire de l'Église de France* 122: 25-61.
- Genette, G. (1997), *Palinsesti. La letteratura di secondo grado*, Torino.
- Gentili, B. (ed.) (1995), *Pindaro. Le pitiche*, Milano.
- Ghedini, F. (2000), "Filostrato Maggiore come fonte per la conoscenza della pittura antica", *Ostraka* 9.1: 75-197.
- Giachero, M. (ed.) (1974), *Edictum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium in integrum restitutum e latinis graecisque fragmentis*, 1-2, Génova.

- Gico, V. (1998), “Luís da Câmara Cascudo: perfil bibliográfico”, in L. C. Cascudo, *Ontem. (Magações e notas de um professor de província)*, Natal.
- Gigli, D. (1985), *Metafora e poetica in Nonno di Panopoli*, Firenze.
- Gilles, K. J. (1987), “Römische Glasgefäße”, in AA.VV., *2000 Jahre Weinkultur an Mosel-Saar-Ruwer. Denkmäler und Zeugnisse zur Geschichte von Weinbau, Weinhandel, Weingenuß*, Trier, 143-145.
- Gilles, K. J. (1987b), “Trierer Weinkeramik”, in AA.VV., *2000 Jahre Weinkultur an Mosel-Saar-Ruwer. Denkmäler und Zeugnisse zur Geschichte von Weinbau, Weinhandel, Weingenuß*, Trier, 132-133.
- Gilles, K. J., König, M., Schumann, F. (1995), *Neuere Forschungen zum römischen Weinbau an Mosel und Rhein* (Schriftenreihe des Rheinischen Landesmuseums Trier, 11), Trier.
- Gilson, É. (1983, 6ª ed.), *Le thomisme*, Paris.
- Gómara, M. (2007), “Una inscripción paleohispánica sobre cerámica altoimperial en Cascante (Navarra)”, *Palaeohispanica* 7: 263-268.
- Gomes, S.A. (1998), *Visitações a mosteiros cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*, Ministério da Cultura – IPPAR, Lisboa.
- Gomes, S. A. (2000), “Revisitação a um velho tema: a fundação do Mosteiro de Alcobaça”, in *Cister: Espaços Território e Paisagens. Colóquio Internacional, 16-20 Junho de 1998, Mosteiro de Alcobaça. Actas. I*, Lisboa, 27-72.
- Gomes, S. A. (2000), *O mosteiro de Alcobaça na transição dos séculos XIV e XV: o protagonismo de D. João Dornelas*, in *Cister. Espaços, Territórios, Paisagens. Colóquio Internacional. 16-20 Junho 1998. Mosteiro de Alcobaça*, Lisboa, 73-88.
- Gomes, S. A. (2006), D. Afonso V, *Círculo de Leitores-Colecção Reis de Portugal*, Lisboa.
- Gómez García, C. (2010), “La configuración de la ciudad de Berlin”, in J. M. Losada Goya (ed.), *Mito y mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari , 617-626.
- González Rolán, T., P. Saquero Suárez-Somonte, P. (2001), “El Humanismo italiano en la Castilla del cuatrocientos: estudio y edición de la versión castellana y del original latino del *De infelicitate principum* de Poggio Bracciolini”, *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos* 21: 115-150.
- González Rolán, T., Moreno Hernández, A., Saquero Suárez-Somonte, P. (2000), *Humanismo y teoría de la traducción en España e Italia en la primera mitad del siglo XV. Edición y estudio de la Controversia Alphonsiana (Alfonso de Cartagena vs. L. Bruni y P. Candido Decembrio)*, Madrid.
- Gorrochategui, J. (1987), “Situación lingüística de Navarra y alrededores en la antigüedad a partir de las fuentes epigráficas”, *Primer Congreso General de Historia de Navarra II*, Pamplona, 435-445.

- Gorrochategui, J. (2014), “Nueva inscripción funeraria celtibérica procedente de Clunia”, *Palaeohispanica* 14: 229-236.
- Gorrochategui, J. y Vallejo, J. M. (2010), “Lengua y onomástica. Las inscripciones lusitanas”, *Iberografías* 6: 71-80.
- Gose, E. (1976), *Gefäßtypen der römischen Keramik im Rheinland*, Köln.
- Graham, A. J. (1964), *Colony and Mother City*, Manchester.
- Grenier, A. (1934), *Manuel d'archéologie gallo-romaine* 2, *Les routes*, Paris.
- Gros, P., Marin, M., Zink, M. (eds.) (2015), *Auguste, son époque et l'Augusteum de Narona. Actes du colloque organisé à l'Académie des Inscriptions et Belles-lettres /e 12 décembre 2014*, Paris.
- Gualandi, M. L. (2001), *Le fonti per la storia dell'arte - I. L'antichità classica*, Roma.
- Guarducci, M. (1974), *Epigrafia greca*, vol. III, Roma.
- Guarducci, M. (1978), *Epigrafia greca*, vol. IV, Roma.
- Guerra, A., Schatner, T. (2010), “El foro y el templo de Lancia Oppidana: nueva interpretación de Centum Celas (Belmonte)”, in T. Mogale Basarrate (ed.) *Ciudad y Foro en Lusitania Romana*, Mérida, 333-342.
- Guilaine, J. (cur.) (1991), *Pour une archéologie agraire: à la croisée des sciences de l'homme et de la nature*, Paris.
- Guilmartin, J. F. (2002), *Galleons and Galleys*, London.
- Guilmartin, J. F. (2003), *Gunpowder and Galleys. Changing Technology and Mediterranean Warfare at Sea in the Sixteenth Century*, 2nd ed., Annapolis.
- Hall, J. M. (1997), *Ethnic identity in Greek Antiquity*, Cambridge.
- Hanell, K. (1934), *Megarische Studien*, Lund.
- Hänlein-Schäfer, H. (1985), *Veneratio Augusti. Eine Studie zu den Tempeln der ersten römischen Kaisers*, München.
- Hanley, R. (2000), *Villages in Roman Britain*, Princes Risborough.
- Hansen, H. M. (1991), *The Athenian Democracy in the age of Demosthenes. Structure, Principles and Ideology*, Oxford.
- Hardy, E. G. (1925), “The Lex Mamilia Roscia Peducaea Alliena Fabia”, *The CQ* 19 (3/4): 185-191.
- Harris, E. (1995), *Aeschines and Athenian Politics*, Oxford.
- Harth, H. (1984), *Poggio Bracciolini, Lettere*, Leo S. Olschki Editore, Florencia.
- Hekster, O., Schmidt-Hofner, S., Witschel, Chr. (eds.) (2009), *Ritual dynamics and Religious Change in the Roman Empire. Proceedings of the Eighth Workshop of the International Network Impact of Empire*, Leiden, Boston.
- Helck, W. (1971), *Das Bier im alten Ägypten*, Berlin.

- Hershowitz, A., (forthcoming), "Patterns in Variation in Tribute Assessment", in S. Jensen, T. Figueira (eds.), *Athenian Hegemonic Finances*, Classical Press of Wales, Swansea.
- Herta, P. (1978), "Bibliographie zum römischer Kaiserkult (1955-1975)", *ANRW* II 18: 833-910.
- Heubeck, A. (ed.) (1983), *Omero. Odissea*, Volume III (Libri IX-XII), Milano.
- Heurgon, J. (1950-1951), "La syntaxe des routiers romains", *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*: 145-154.
- Heurgon, M. (1969), "Inscriptions étrusques de Tunisie", *CRAI*, 526-551.
- Heurgon, M. (1969a), "Les Dardaniens en Afrique", *REL* 47: 284-294.
- Higbie, C. (2007), "Hellenistic Mythographers", in R. Woodart (ed.), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge, 237-54.
- Hignett, C. (1963), *Xerxes' Invasion of Greece*, Oxford.
- Hoffmann, C. (1991), *An introduction to bilingualism*, London, New York.
- Hoffmann, M. (1956), *5000 Jahre Bier*, Berlin.
- Holban, M., Bulgaru, M. M. A., Cernovodeanu, P. (eds.) (1980-83), *Calatori straini despre tarile române (Foreign Travellers about the Romanian Countries)*, Bucuresti, vol. VII: 1980; vol. VIII: 1983.
- Homo, L. (1972), *Rome impériale et l'urbanisme dans l'antiquité*, Paris.
- Hopkinson, N. (1984), "Callimachus' Hymn to Zeus", *CQ* 34: 139-148.
- Hornblower, S. (2008), *A Commentary on Thucydides. Volume I: Books I-III*, Oxford - New York.
- Houaiss, A. (2001), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro.
- Howgego, Chr, Heuchert, V. Burnett, A. (eds.) (2004), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford.
- Howgego, Chr. (2004), "Coinage and identity in the Roman provinces", in Chr. Howgego, A. Heuchert y Burnett (eds.), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford, 1-18.
- Huizinga, J. (1948), *Le déclin du Moyen Âge*, Paris.
- Hunter, R., Fuhrer, T. (2002), "Imaginary Gods? Poetic Theology in the *Hymns* of Callimachus", in F. Montanari, L. Lehnus (eds.), *Callimaque. Sept Exposés suivis de discussions*, Vandoeuvres-Gender, 143-175.
- Hurlet, F. (1996), *Les collègues du prince au temps d'Auguste et de Tibère: de la légalité républicaine à la légitimité dynastique*, Roma.
- Hutchinson, G. O. (1988), *Hellenistic Poetry*, Oxford.
- HCT* = Gomme, A. J., (1970), *A Historical Commentary on Thucydides*. vs. 1-2, Oxford.

- Icks, M. (2001), "Priesthood and Imperial Power. The Religious Reforms of Heliogabalus 220-222", in L. de Blois (ed.), *Administration, Prosopography and Appointment Policies in the Roman Empire. Proceedings of the First Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire, 27 B.C. - A.D. 406)*, Amsterdam, 169-178.
- IRT = Reynolds, J. M., Ward-Perkins, J. B. (1952), *Inscriptions of Roman Tripolitania*, Rome.
- Jackson, K. (1953), *Language and history in Early Britain*, Edinburgh.
- Jacoby, F. (1923), *Die Fragmente der griechischen Historiker*, Part I-III, Berlin.
- Jaeger, W. (s.d), *Paideia*, Trad. de Artur M. Parreira, São Paulo.
- Janko R. (1982), *Homer, Hesiod and the Hymns*, Cambridge.
- Jiménez, A. J. (1995), "La imagen de Teseo en las *Suplicantes*", in J. A. López Férrez (ed.), *De Homero a Libanio*, Madrid, 145-161.
- Johnson, L. (1960), "Natalis urbis and principium anni", *TPAPhA* 91: 109-120
- Julia, D. (1962), "Les monuments funéraires en forme de demi-cylindre dans la province romaine de Tarragonaise", *MCVI* : 29-54.
- Jullian, C. (1926), "Notes gallo-romaines", *Révue des Études Anciennes* 28. 2: 139-151.
- Little, K. (2002), "Monasticism and Western Society: from marginality to the establishment and back", *Memoirs of the American Academy in Rome* 47: 83-94.
- Kaimio, J. (1979), *The Romans and the Greek Language*, Helsinki.
- Kalinowski, A. (2007), "A series of honorific statue bases for the Vedii in the market agora at Ephesos (*IvE* 725, 731, 3076-3078)", in M. Mayer, G. Baratta, A. Guzmán, (eds.), *Acta XII Congressus internationalis epigraphiae Graecae et Latinae. Provinciae imperii Romani inscriptionibus descriptae*, vol I, Barcelona, 757-762.
- Kantiréa, M. (2007), *Les dieux et les dieux augustes. Le culte impérial en Grèce sous le Julio-claudiens et les Flaviens, Études épigraphiques et archéologiques*, Athènes.
- Katz, S. H., Fleming, S. J., McGovern, P. E. (1996), *The origins and ancient history of wine. Food and nutrition in history and anthropology* 11, Amsterdam.
- Kelso W.M. (ed.) (1990), *Earth patterns. Essays in landscape archaeology*, Charlottesville.
- Kerkhecker, A. (1999), *Callimachus' Book of "Iambi"*, Oxford.
- Khanoussi, M. (1983), "Nouvelles sépultures d'époque romaine", in Beschaouch A. et alii (eds.), *Recherches archéologiques franco-tunisiennes à Bulla-Regia*, I (CEFR 28/I), Roma, 93-106.
- Kiss, Z. (1975), *L'iconographie des princes julio-claudiens au temps d'Auguste et de Tibère*, Varsovie.

- Kleiner, F. S. (1991), "The trophy on the bridge and the Roman triumph over nature", *L'Antiquité Classique* 60: 182-192.
- Koch, J. (2009), *Tartessian. Celtic in the South-west at the dawn of history*, Aberystwyth.
- Koch, J. (2009a), "A case for Tartessian as a Celtic language", *Palaeohispanica* 9: 339-351.
- Kolb, A. (2001), "Transport and communication in Roman state: the *cursus publicus*", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres - Nova Iorque, 95-105.
- Kolb, A. (ed.) (2010), *Augustae. Machtbewusste Frauen am römischen Kaiserhof? Herrschaftsstrukturen und Herrschaftspraxis*, Berlin.
- Kozakai, T. (2000), *L'étranger, l'identité. Essai sur l'intégration culturelle*, Paris.
- Kramer, N., Reitz, Chr. (eds.) (2010), *Tradition und Erneuerung. Mediale Strategien in der Zeit der Flavier*, Berlin, New York.
- Kristeller, P. O. (1961, 3<sup>a</sup> ed.), "The moral thought of Renaissance humanism", in *Chapters in Western civilization*, I, New York, 289-335.
- Krynén, J. (1981), *Idéal du prince et pouvoir royal en France à la fin du Moyen Âge (1380-1440). Étude de la littérature politique du temps*, Paris.
- Kuhoff, W. (2001), *Diokletian und die Epoche der Tetrarchie*, Frankfurt.
- Künzl, S. (1997), *Die Trierer Spruchbecherkeramik. Dekorierete Schwarzfirniskeramik des 3. und 4. Jahrhunderts* (Beihefte Trierer Zeitschrift 21), Trier.
- Lambert, P. Y. (1994), *La langue gauloise*, Clamecy.
- Lambrino, S. (1937), "La famille d'Apollon à Histria", *Aephem* 100: 352-362.
- Lambrino, S. (1952), "Les inscriptions de São Miguel de Odrinhas", *Bulletin des Études Portugaises* 16: 134-176.
- Lasserre, F. (1976), "Hérodote et Protagoras: le débat sur les constitutions", *MH* 33: 65-84.
- Lateiner, D. (1984), "Herodotean historiographical patterning: the constitutional debate", *Q&S* 20: 257-284.
- Laurence, R. (2001), "Afterword: travel and empire", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres / Nova Iorque, 167-176.
- Lausberg, H. (1990, 3<sup>a</sup> ed.), *Handbuch der literarischen Rhetorik. Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft*, Stuttgart.
- Lawrance, J. N. H. (1990), "Humanism in the Iberian Peninsula", in A. Goodman, A. Mackay (eds.), *The Impact of Humanism on Western Europe*, Londres, 220-258.
- Lazenby, J. F. (1993), *The Defence of Greece, 490-479 B.C.*, Warminster.

- Leão, D. F. (2012), *A Globalização no Mundo Antigo. Do Polites ao Kosmopolites*, Coimbra.
- Lehmann, K. (1962), "Ignorance and search in the villa of the Mysteries", *JRS* 52: 62-68.
- Leite de Vasconcelos, J. (1913), *Religiões de Lusitania*, III, Lisboa 1989.
- Leite, S. (ed.) (1963), *Estatutos da Universidade de Coimbra (1559)*, Coimbra.
- Lekai, L. J. (1987), *Los Cistercienses. Ideales y realidad*, Barcelona.
- Lemny, S. (2010), *Cantemirestii. Aventura europeana a unei familii princiarie din secolul al XVIII-lea (Les Cantemir: l'aventure européenne d'une famille princière au XVIIIe siècle, 2006)*, Iasi, Polirom.
- Lesky, A. (1995), *História da Literatura Grega*, Lisboa.
- Leveau, Ph. (1992), "Le territoire agricole d'Arles dans l'antiquité. Relecture de l'histoire économique d'une cité antique à la lumière d'une histoire du milieu", in M. Bernardi (cur.), *Archeologia del Paesaggio*, Firenze, vol. II, 597-636.
- Levy, A. M. (2010), *Sex Acts in Early Modern Italy: Practice, Performance, Perversion, Punishment*, Farnham.
- Lewis, D. M., Boardman, J., Hornblower, S., Ostwald, M (eds.) (1994), *The Cambridge Ancient History, Volume 6: The Fourth Century BC*, Cambridge.
- Lewis, D. M. (1994), "The Athenian Tribute Quota Lists, 453-450 BC", *BSA* 89: 285-301.
- Lima, D. C. (1998, 3ª ed.), *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. Rio de Janeiro.
- Lintott, A. (1992), *Judicial reform and land reform in the Roman Republic*, Cambridge.
- Little K. (2002), "Monasticism and Western Society: from marginality to the establishment and back", *Memoirs of the American Academy in Rome* 47: 83-94.
- Littman, R. J. (1974), *The Greek experiment, Imperialism and social conflict 800-400 B. C.*, Londres.
- Liverani, P. (1994), "Il ciclo di ritratti del edificio absidato a Roselle", in *Roselle: iconografia imperiale e glorificazione Familiare, MDAl, RA* 101: 161-163.
- Loeschcke, S. (1932), "Römische Denkmäler vom Weinbau an Mosel, Saar und Ruwer", *TfZ* 7: 42-60.
- Loeschcke, S. (1933), *Denkmäler vom Weinbau aus der Zeit der Römerherrschaft an Mosel, Saar und Ruwer*, Trier.
- López Moreda, S. (2009), *Aulo Gelio, Noches Áticas*, Madrid.
- López Vilar, J. (1999-2000), "Consideracions sobre les *cupae* i altres estructures funeràries afins", *Bullettí Arcqueològic* V. 21-22: 65-103.



- Lorenzo Gómez, F. (2010), *Un dios entre los hombres. La adoración a los emperadores romanos en Grecia*, Barcelona.
- Losada Goya, J. M. (ed.) (2010), *Mito y Mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari.
- Lucet, B. (1977), *Les codifications cisterciennes de 1237 et de 1257*, Paris.
- Macan, R.W. (1908), *Herodotus, The Seventh, Eighth, & Ninth Books*, London.
- Machado de Assis, J. M. (1971), “Esaú e Jacó”, in Machado de Assis, *Obra Completa*, Rio de Janeiro, José Aguilar Editora.
- Maehler, H. (1982), *Die Lieder des Bakchylides I* (2 vols.), Leiden.
- Magioncalda, A. (1991), *Lo sviluppo della titolatura imperiale da Augusto a Giustiniano attraverso le testimonianze epigrafiche*, Torino.
- Magueijo, C. (1970), “A Lex Metallis Dicta”, *O Arqueólogo Português* série 3, 4: 125-163.
- Maltese, V. E.-Cortassa, G. (eds.) (2000), *Roma parte del cielo. Confronto tra l'Antica e la Nuova Roma di Manuele Crisolora*, Torino.
- Mamede, Z. (1970), *Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968*, Natal.
- Manconi, D., Catalli, F. (eds.) (2005), *Le immagini del potere. Il potere delle immagini. L'uso del ritratto ufficiale nel mondo romano da Cesare ai Severi*, Perugia.
- Mann, C. (2001), *Athlet und Polis im archaischen und frühklassischen Griechenland*, Göttingen.
- Mantas, V. G. (2008-2009), “A rede viária romana em Portugal. Estado da questão e perspectivas futuras”, *Anas* 21-22: 245-272.
- Mantas, V. G. (2011), “Linhas fortificadas e vida quotidiana: da Muralha da China à Muralha do Atlântico”, in C. Guardado da Silva (coord.), *A Vida quotidiana nas Linhas de Torres Vedras*, Torres Vedras, 15-56.
- Mantas, V. G. (2012), *As vias romanas da Lusitânia*, Mérida.
- Maquiavel, N. (2010, 8ª ed), *O príncipe*, Trad. de Pietro Nassetti, Martin Claret, São Paulo.
- Maquiavel, N. (1980), *Le Prince de Maquiavel*, Traduction et commentaire de C. Roux-Lehman, Paris.
- Maravall, J. A. (1972), *Estado moderno y mentalidad social (siglos XV a XVII)*, 2 vols., Madrid.
- Marco, F. (1993), “Nemedus Augustus”, in I. J. Adiego, J. Siles, J. Velaza, (eds.), *Studia Palaeohispanica et Indogermanica J. Untermann ab amicis Hispanicis oblata*, Barcelona, 163-178.

- Marco, F. (1996), "Integración, interpretatio y resistencia religiosa en el occidente del imperio", in J. M. Blásquez, J. Alvard (ed.) *La romanización en Occidente*, Madrid, 217-238.
- Marcos Casquero, M. A., Domínguez García, A. (2006), *Aulo Gelio, Noches Áticas*, vol. I, Universidad de León.
- Marcy, G. (1936), *Les inscriptions libyques bilingues de l'Afrique du nord*, Paris.
- Moreno Gallo, I. (2006), *Vías romanas: ingeniería y técnica constructiva*. Madrid.
- Marlière, É. (2001), *Le tonneau en Gaule Romaine*, *Gallia* 58: 181-201.
- Marlière, É. (2002), *L'outre et le tonneau dans l'Occident romain*, Montagnac.
- Marques, M. A. F. (1998), "A introdução da Ordem de Cister em Portugal", in *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Lisboa.
- Marrou, H.-I. (1963), "L'Église dans la première moitié du quatrième siècle", in *L'Église de l'Antiquité tardive 303-604*, Paris, 26-35.
- Marrou, H.-I. (1965, 6ª ed.), *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Paris.
- Marshall, P. K (1983), "Aulus Gellius", in L.D. Reynolds (ed.), *Texts and Transmission. A Survey of the Latin Classics*, Oxford.
- Martínez, A. (1993), "Dos esgrafiados ibéricos sobre una estela romana de Requena (Valencia)", *Saguntum* 26: 247-251.
- Martínez-Pinna, J. (2002), "Los arcadios", in *La prehistoria mítica de Roma, Gerión. Anejos* 6: 135-167.
- Martini, W. (1990), *Die archaischen Plastik der Griechen*, Darmstadt.
- Mastino, A. (1981), *Le titolature di Caracalla e Geta attraverso le iscrizioni (indici)*, Bolonia.
- Mattoso, A., (1935 2ª ed.), *Compêndio de história antiga*, Sá da Costa, Lisboa.
- Maurice, F. (1930), "The Size of the Army of Xerxes in the Invasion of Greece 480 B.C.", *JHS* 50: 210-35.
- Mayer, M. (1980), "La plasmación lingüística de la pervivencia de los cultos prerromanos en Hispania a través de los formularios epigráficos", *Revista Española de Lingüística* 10: 230-231.
- Mayer, M. (1993), "El paganismo cívico de los siglos II y III en la Hispania citerior. Su reflejo en la epigrafía", in *Ciudad y comunidad cívica en Hispania. Siglos II y III d. C. Cité et communauté civique en Hispania*, Madrid, 161-175.
- Mayer, M. (1995), "El primer horizonte epigráfico en el litoral noreste de la Hispania citerior", in F. Beltrán (ed.), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 97-119.
- Mayer, M. (1998), "¿Qué es un *Augusteum*?", *Historia Antiqua* 4: 63-70.
- Mayer, M. (1999), "Aproximación a la religión cívica en Hispania bajo los

- flavios”, *Ktema* 24: 341-345.
- Mayer, M. (2004), “El *Augusteum* de Narona (Vid, Metković, Croacia) en época de los Severos”, in *Orbis Antiquus. Studia in honorem Ioannis Pisonis*, Cluj-Napoca, 283-289.
- Mayer, M. (2005), “Constantino el Grande: deconstrucción y construcción de un Imperio”, in F. de Oliveira (coord.), *Génesis e Consolidação da Ideia de Europa*, vol. III, *O Mundo Romano*, Coimbra, 203-230.
- Mayer, M. (2007a), “La presenza imperiale nelle città del *Picenum* tra l’epoca augustea e il regno dei Severi : un primo approccio”, *Studi Maceratesi* 41: 27-40.
- Mayer, M. (2007b), “Las dedicatorias a miembros de la *domus* Augusta julio-claudia y su soporte: una primera aproximación”, in G. Paci (ed.), *Contributi all’epigrafia del’età augustea. Actes de la XIII<sup>e</sup> Rencontre franco-italienne sur l’*épigraphie* du monde romain*, Tivoli, 171-199
- Mayer, M. (2008), “Sila y el uso político de la epigrafía”, in M. Caldelli, G. L. Gregori, S. Orlandi (eds.), *Epigrafia 2006. Atti della XIV<sup>e</sup> rencontre sur l’*épigraphie* in onore di Silvio Panciera con altri contributi di colleghi, allievi e collaboratori*, Roma, 121-135.
- Mayer, M. (2009), “Los honores recibidos por la familia de Marco Aurelio en la parte oriental del imperio romano: ¿cambio o continuidad en el culto dinástico?”, in A. Martínez Fernández (ed.), *Estudios de Epigrafía Griega*, La Laguna, 277-294.
- Mayer, M. (2010), “La presència de la dinastia antonina a Tarraco”, in *Studia Celtica Classica et Romana Nicolae Szabó septuagesimo dicata*, Budapest, 159-167.
- Mayer, M. (2015), “La epigrafía y el *Augusteum* de Narona”, in G. Zecchini (ed.), *L’Augusteum di Narona. Atti della Giornata di Studi. Roma 31 maggio 2013*, (Centro ricerche e documentazione sull’ antichità clásica, monografie, 3 7), Roma, pp. 19-41.
- McCrum, M., Woodhead, A.G. (1961), *Select Documents of the Principates of the Flavian Emperors Including the Year of Revolution, A.D. 68-96*, Cambridge.
- Mednikarova, I. (2003), “The accusative of the name of the deceased in Latin and Greek epitaphs”, *ZPE* 143: 117-134.
- Meiggs, R. (1972), *The Athenian Empire*, Oxford.
- Melani, V., Vergari, M. (1985), *Profilo di una città etrusca Roselle*, Pistoia.
- Melchor Gil, E. (1992), “Sistemas de financiación y medios de construcción de la red viaria hispana”, *Habis*, 23: 121-137.
- Melchor Gil, E. (2010), “Homenajes estatutarios e integración de la mujer en la vida pública municipal de las ciudades de la Bética”, in F. J. Navarro (ed.), *Pluralidad e integración en el Mundo Romano*, Pamplona, 221-245.

- Mellor, R. (1975), *ΘΕΑ ΡΩΜΗ the Worship of the Goddess Roma in the Greek World*, Göttingen.
- Mellor, R. (1981), "The Goddess Roma", in *ANRW* II 17. 2, Berlin, New York, 950-1030
- Menegazzi, L. (1995), *Il manifesto italiano* (prima ed. 1974), Milano.
- Merêa, P. (1929), *História de Portugal*, Vol. II. Coimbra.
- Merêa, P. (1941), *Suárez, Grácio, Hobbes*, Coimbra.
- Mesnard, P. (1977), *Essor de la philosophie politique au XVIe Siècle*, Paris.
- Messerschmidt, W. (2003), *Prosopopoiia: Personifikationen politischen Charakters in spätklassischer und hellenistischer Kunst*, Köln.
- Michelini, A. N. (1994), "Political themes in Euripides' *Suppliants*", *AJP* 115. 2: 219-252.
- Millar, F. (1968), "Local cultures in the Roman Empire: Libyan, Punic and Latin", *JRS* 58: 126-134.
- Millar, F. (1993), *The Roman Near East 31 BC-337 AD*, London.
- Millar, F. (2006), *A Greek Roman Empire, Power and belief under Theodosius II 408-450*, Berkeley.
- Minerath, R. (1996), *Histoire des Conciles*, Paris.
- MLH = J. Untermann, J. (1975-2000), *Monumenta linguarum Hispanicarum*, I-V, Wiesbaden.
- Moggi, M. (1976), *I sinecismi interstatali greci*, Pisa.
- Moncada, C. (1947), *Filosofia do direito e do estado*, I, Coimbra.
- Monfrin, J. (1964), "Humanisme et traductions au Moyen Age", in *L'Humanisme médiéval dans les littératures romanes du XIIe au XIVe siècle* (Actes du Colloque organisé par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg), Paris.
- Monteiro, N., d'Encarnação, J. (1993-1994), "A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)", *Conimbriga* 32-33: 303-311.
- Moretti, G. (2007), "Patriae trepidantis imago. La personificazione di Roma nella *Pharsalia* fra *ostentum* e disseminazione allegorica", *Camenae* 2: 1-17
- Morrison, A. D. (2007), *The Narrator in Archaic Greek and Hellenistic Poetry*, Cambridge.
- Mosley, D. J. (1965), "The Size of Embassies in Ancient Greek Diplomacy", *TPAPhA*: 255-266.
- Mosley, D. J. (1972), "Envoys and diplomacy in Ancient Greece", *Historia* 22: 1-97.
- Mossé, Cl. (1970), *La colonisation dans l'Antiquité*, Paris, 27-99.

- Mullen, A. (2007), “Linguistic evidence for ‘romanization’: continuity and change in Romano-British onomastics: a study of the epigraphic record with particular reference to Bath”, *Britannia* 38: 35-61.
- Muñoz, V. (2005), “La *interpretatio romana* del dios prerromano Bandue”, *Veleia* 22: 145-152.
- Munro, J.A.R. (1926), “Xerxes’ Invasion of Greece”, in *The Persian Empire and the West, Cambridge Ancient History*, Vol. IV, Cambridge, 268-316.
- Nascimento, A. A. (1990), “Poggio e o seu interesse por códices de Alcobça”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 13-14: 37-40.
- Nascimento, A. A. (1993), “As librerias dos príncipes de Avis”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* (Coimbra). *Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro* (25 a 27 de Novembro de 1992) 69: 265-287.
- Nascimento, A. A. (1995), “La réception des auteurs classiques dans l’espace culturel portugais: une question ouverte”, in C. Leonardi, B. Munk Olsen (eds.), *The Classical Tradition in the Middle Ages and Renaissance*, Spoleto, 47-56.
- Nascimento, A. A. (1997), “Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média”, in C. Almeida Ribeiro, M. Madureira (eds.), *O género do texto medieval*, Lisboa, 113-138.
- Nascimento, A. A. (1999), *Cister. Os documentos primitivos. No 9.º Centenário da fundação de Cister* (1999). Introdução, tradução e notas de Aires A. Nascimento, Lisboa.
- Navarro Caballero, M. (2003), “Mujer de notable: representación y poder en las ciudades de la España imperial”, in S. Armani, B. Martineau-Hurlet, A. U. Stylow, (eds.), *Acta antiqua Complutensia IV. Epigrafía y sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: estructuras sociales*, Alcalá de Henares, 119-127.
- Nemeti, S. (1998), “Cultul lui Sucellus–Dis Pater și al Nantosueltei–Proserpina în Dacia romană”, *EphemNapoc* 8: 95-121.
- Neumann, G., Untermann, J. (eds.) (1980), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. Beihefte der Bonner Jahrbücher* 40, Bonn.
- Nicosia, F. (ed.) (1990), *Un decennio di ricerche a Roselle. Statue e ritratti*, Firenze.
- Nunes, E., Albuquerque, M. (1968), “Parecer do doutor ‘Valasco di Portogallo’ sobre o beneplácito régio (Florença, 1954)”, in V. Rau (ed.), *Do tempo e da história*, Lisboa, t. 2, 97-139.
- Ober, J. (1989), *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*, Princeton.
- Odiot, T. (2004), “Le site du Molard à Donzère”, in Brun, J.-P., Poux, M., Tchernia, A. (eds.), *Le vin. Nectar des Dieux. Génies des Hommes*, Gollion, 202-203.

- Oelmann, F. (1914), *Die Keramik des Kastells Niederbieber*, Frankfurt.
- Ohly, D. (1976), *Die Aegineten: die Marmorskulpturen des Tempels der Aphaia auf Aegina*. (a) I. Die Ostgiebelgruppe. München. (b) II. Die Westgiebelgruppe. III. Altarplatzgruppen, Akrotere, etc, München.
- Olteanu, T. (2008), “El culto a Victoria y la *interpretatio* indígena en el Occidente de Hispania, Gallia y el norte de Britania”, *BVallad* 74: 197-224.
- Ors, A. de (1953), *Epigrafía jurídica de la España romana*, Madrid.
- Pacaut, M. (1993), *Les moines blancs. Histoire de l'Ordre de Cîteaux*, Paris.
- Pallottino, M. (1952), “El problema de las relaciones entre Cerdeña e Iberia en la antigüedad prerromana”, *Ampurias* 14: 137-155.
- Pancieria, S. (2003), “Umano, sovraumano o divino? Le divinità augustee e l'imperatore a Roma”, in L. de Blois, P. Erdkamp, O. Hekster, G. De Kleijn, S. Mols, (eds.), *The Representation and Perception of Roman Imperial Power. Proceedings of the Third Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire c. 200 B.C. – A.D. 476)*, Amsterdam, 219-239.
- Paparelli, G. (1973), *Feritas, humanitas, diuinitas. L'essenza umanistica del Rinascimento*, Napoli.
- Parker, V. (1988), “Τύραννος. The semantics of a political concept from Archilochus to Aristotle”, *Hermes* 126. 2: 145-172.
- Patillon, M. (ed.) (2002), *Pseudo-Aelius Aristide, Arts rhétoriques*, Paris.
- Pekary, T. (1968), *Untersuchungen zu den römischen Reichsstraßen*, Bona.
- Pellegrini, D. P. M. (2003), *Le Grandi Storie dell'Auto*, vol. 2, *Alfa Romeo*, 35-35.
- Pelling, Ch. (2002), “Speech and action: Herodotus' Debate on the Constitutions”, *PCPhS* 48: 123-158.
- Peña Cervantes, Y. (2010), *Torcularia. La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados en cedé* (Sèrie documenta 149), Tarragona.
- Pensa, M. (1979), “Genesi e sviluppo dell'arco onorario nella documentazione numismática”, *Studi sull'Arco Onorario Romano*, Roma, 19-27.
- Peres, D. (1952), *História de Portugal*, II, Porto.
- Pérez Martin, A. (1979), *Proles Aegidiana. I. Introducción. Los Colegiales desde 1368 a 1500*, Bolonia.
- Pérez Martin, A. (1999), *Espanoles en el Alma Mater Studiorum. Profesores hispanos en Bolonia (de fines del siglo XII a 1799)*, Murcia.
- Pérez Ruiz, F. (1984), “El justo es feliz y el injusto desgraciado, justicia y felicidad en la República de Platon”, *Pensamiento* 40, 159: 257-295.
- Petrarca, F. (1581), *Francisci Petrarcae Florentini Opera*. Basileae, per Sebastianum Henricpetri.

- Petrarca, F. (1942), *Epistolae familiares*, in V. Rossi (ed.), *Le Familiari*, Firenze.
- Petri, Ch. (1989), “La politique de Constance II: un premier ‘césaropapisme’ ou l’*imitatio Constantini*?” in A. Dihle (coord.), *L’église et l’empire au IV siècle*, Genève, 113-178.
- Pfeiffer, R. (1949-1951), *Callimachus*, 2 vols., Oxford.
- Pflaum, H.G. (1976), *Inscriptions latines de l’Algérie*, t. II, vol. II, *Inscriptions de la Confédération cirtéenne, de Cuicul et de la tribu des Suburbures*, Alger.
- Pflug, H. (1941), *As auto-estradas do Reich*, Berlim.
- Pharr, C. et alii (2008), *The Theodosian Code and Novels and the Sirmundian Constitution. Translation, commentary and bibliography*, Union (NJ).
- Piana, C. (1976), *Nuovi documenti sull’Università di Bologna e sul Collegio di Spagna*, I-II, Bolonia, Zaragoza.
- Pick, B. (1898), *Die antiken Münzen Nordgriechenlands I, 2. Die antiken Münzen von Dacien und Moesien*, Berlin.
- Piganiol, A. (1972, 2ª ed.), *L’empire chrétien*, Paris.
- Pina, R. de (1977), *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*, cap. CXXV “Das feiçoões custumes e virtudes do Yfante Don Pedro”, in M. L. de Almeida (Intro. e Revisão), *Crónicas de Rui de Pina*, Porto.
- Pinheiro Futre, M. P. (2006), “Do Mito à Utopia: viagem ao mundo do imaginário grego” in *Actas do V Congresso da APEC – Antiguidade Clássica e nós: Herança e Identidade Cultural*, Braga, 569-581.
- Pinho, S. T. (1999), “Os Príncipes de Avis e o Pré- Humanismo Português”, in *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa. Actas do I Congresso da APEC*, Coimbra, 99-133.
- Pinto, Frei H. (1952), “Diálogo da justiça”, in *Imagem da vida cristã*, I, Lisboa.
- Pippidi, D. M. (1971), *I Greci nel Basso Danubio dall’età arcaica alla conquista romana*, Mailand.
- Pirling, R. (1993), “Ein Trierer Spruchbecher mit ungewöhnlicher Inschrift aus Krefeld-Gellep“, *Germania* 71: 387-404.
- Podlecki, A. J. (1976), “Athens and Aegina”, *Historia* 25.4: 396-413.
- Poenaru Bordea, G. (1979), “Les statères ouest-pontiques de type Alexandre le Grand et Lysimaque”, *RBNS* 125: 37-51.
- Prag, J. R. W. (2002), “Epigraphy by numbers: Latin and the epigraphic culture in Sicily”, in A. E. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West. JRA Suppl. Ser.* 48: 15-31.
- Preda, C., Popescu, E., Diaconu, P. (1962), “Săpăturile arheologice de la Mangalia (Callatis)”, *Materiale* 8: 439-455.
- Pressouyre, L. (1990), *Le rêve cistercien*, Paris.

- Price, S. R. F. (1984), *Rituals and Power. The Roman Imperial Cult in Asia Minor*, Cambridge.
- Privitera, G. A. (1988), “Pindaro, *Nem.* III 1-5 e l'acqua di Egina”, *QUCC* 58: 63-70.
- Puerta Torres, C. (1995), *Los miliarios de la Vía de la Plata*, 1-2, Madrid.
- Quadrino, D. (2007), *Una nuova iscrizione onoraria di Adriano e il Sebasteion di Kestros in Cilicia Tracheia*, Tivoli.
- Radnoti Alföldi, M., Rasbach, G. (1999), “Zur Frage der interpretatio Romana“, in *Festschrift für Günter Smolla*, Wiesbaden, 597-605.
- Raepsaet-Charlier, M. Th. (1975), “La datation des inscriptions latines dans les provinces occidentales de l'Empire Romain d'après les formules « In H(onorem) D(omus) D(ivinae) » et « Deo, Deae »”, in *ANRW II* 3: 232-282.
- Raepsaet-Charlier, M. Th. (2005), “Les sacerdoces des femmes sénatoriales sous le Haut-Empire”, in M.-F. Baslez, F. Prévot (eds.), *Prosopographie et histoire religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne le 27 & 28 octobre 2000*, Paris, 283-304.
- Ramalho, A. C. (1985), *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, Coimbra.
- Rapp, Cl. (2005), *Holy Bishops in Late Antiquity, The nature of Christian Leadership in an age of transition*, Berkeley.
- Rau, V. (1969), “Italianismo na cultura jurídica portuguesa do século XV”, *Revista Portuguesa de História* 12.1: 185-206.
- Rau, V. (1973), “Studenti ed eruditi portoghesi in Italia nel secolo XV”, *Estudos Italianos em Portugal* 36: 7-73.
- Rawlinson, H. G. (1916), *Intercourse between India and the Western World from the Earliest Times to the Fall of Rome*, Cambridge.
- Rebelo, D. L. (1951), *Do governo da república pelo rei (de república gubernanda per regem)*, reprodução fac-similada da edição de 1496, Introdução e notas de A. M. de Sá, Lisboa.
- Rebelo, L. de S. (1983), *A concepção do poder em Fernão Lopes*, Lisboa.
- Rebuffat, R. (2007), “Pour un corpus des bilingues punico-libyques et latino-libyques”, in M. H. Fantar (ed.), *Osмосe etnho-culturelle en Méditerranée*, Tunis, 183-242.
- Regra do Patriarca S. Bento* (1992), Edições “Ora & Labora”, Singeverga.
- Rhodes, P. J. (1993), *A Commentary on the Aristotelian ATHENAION POLITEIA*, Oxford.
- Rhodes, P. J. (2006), *A History of the Classical Greek World 478-323 BC*, Molden.
- RIB = Collingwood, R. G. (1965), *The Roman inscriptions of Britain. I. Inscriptions on stone*, Oxford.



- RIG = P.-M. Duval (ed.), *Recueil des inscriptions gauloises*, Paris 1985-. I: M. Lejeune, *Textes gallo-grecs*, 1985; II.1: M. Lejeune, *Textes gallo-étrusques. Textes gallo-latins sur pierre*, 1988; II.2: P.-Y. Lambert, *Textes gallo-latins sur instrumentum*, 2002; III: P.-M. Duval y G. Pinault, *Les calendriers (Coligny, Villards d'Héria)*, 1988; IV: J.-B. Colbert de Beaulieu y B. Fischer, *Les légendes monétaires*, 1998.
- Ripollés, P. P. (2004), "Coinage and identity in the Roman provinces: Spain", in Ch. Howgego, V. Heuchert, A. Burnett (eds.), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford, 79-93.
- Ripollés, P. P., Velaza, J. (2002), "Saguntum, colonia latina", *ZPE* 141: 285-294.
- Rodgers, B. (1989), "The Metamorphosis of Constantine", *CQ* 39.1: 233-246.
- Rodrigues, M. A. (1993), "O infante D. Pedro e a Universidade", *Biblos. Revista de Faculdade de Letras (Coimbra). Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenario do Infante D. Pedro (25 a 7 de Novembro de 1992)* 69: 345-362.
- Rodrigues, N. S. (2007), "Entre Europa e Io: elementos orientais na arte grega arcaica e clássica", in J. A. Ramos, L. M. Araújo, A. Ramos dos Santos (eds.), *Arte Pré-Clássica. Colóquio Comemorativo dos Vinte Anos do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 323-346.
- Rodríguez, P., Díez de Pinos, E. (2014), "Nueva inscripción celtibérica en piedra de El Pueyo de Belchite (Zaragoza)", *Palaeohispanica* 14: 245-262.
- Rodríguez Colmenero, A., Ferrer Sierra, S., Álvarez Asorey, R. (2004), *Miliários e outras inscrições viarias romanas do noroeste hispánico*. Santiago de Compostela.
- Rocha Pereira, M. H. (1981), "O mais antigo texto europeu de teoria política", *Nova Renascença* 1: 364-370.
- Rocha Pereira, M. H. (1990), "O 'Diálogo dos Persas' em Heródoto", *Estudos Portugueses. Homenagem a António José Saraiva*, Lisboa, 351-362.
- Rocha Pereira, M. H. (2003), *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Asa, Porto.
- Rocha Pereira, M. H. (2008, 8ª ed.), *Sófocles: Antígona*, Coimbra.
- Rocha Pereira, M. H. (2009, 10ª ed.), *Hélade*, Lisboa, Guimarães.
- Rocha Pereira, M. H. (2012), *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol.1 – *Cultura Grega*, Lisboa.
- Roldán Hervás, J. (1975), *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*, Madrid.
- Röllig, W. (1980), "Das Punische im Römischen Reich", in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband*

- Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande* 40), Köln, 285-299.
- Romano, E. (2006-2009), “Le tombe “a *cupa*” in Italia e nel Mediterraneo. Tipologia architettonica, committenza e rituale”, *StC/O* 52: 149-219.
- Romilly, J. de (1959), “Le classement des constitutions d’Hérodote à Aristote”, *REG* 72: 81-99.
- Rose, C. B. (1997), *Dynastic Commemoration and Imperial Portraiture in the Julio-Claudian Period*, Cambridge.
- Rosenthal, F. (1936), *Die Sprache der palmyrenischen Inschriften und ihre Stellung innerhalb des Aramäischen*, Leipzig.
- Rosivach, V. J. (1977), “Earthborns and Olympians: the *parodos* of the *Ion*”, *CQ* 27. 2: 284-294.
- Rosivach, V. J. (1988), “The Tyrant in Athenian Democracy”, *QUCC* 59: 43-57.
- Rossillon, Ph. (ed.) (1995), *Atlas de la langue française*, Paris.
- Rossiter, J. J. (1978), *Roman Farm Buildings in Italy* (BAR int. Ser. 52), Oxford.
- Rössler, O. (1980), “Libyen von der Cyrenaica bis zur Mauretania Tingitana”, in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. (Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande 40)*. Köln, 267-284.
- Rubenstein, L. (2004), “Ionia”, in M. H Hansen, T. H. Nielsen (eds.), *An Inventory of Archaic and Classical poleis*, Oxford, 1053-1107.
- Rucquoi, A. (2003), “Rois et princes portugais chez les auteurs castillans du XV<sup>ème</sup> siècle», *Península. Revista de Estudos Ibéricos. Entre Portugal e Espanha. Relações Culturais (séculos XV- XVIII)*. In *Honorem Jose Adriano de Freitas Carvalho*, 0: 39-51.
- Ruggini, L. C. (1989), “Felix Temporum Reparatio”, in A. Dihle (coord.), *Realtà socio-economica in movimento durante un ventennio di regno (Costanzo II Augusto, 337-361 d.C.)*, *L’eglise et l’empire au IV siècle*, Genève, 179-243.
- Rüpke, J. (2005), *Fasti sacerdotum. Die Mitglieder der Priesterschaften und das sakrale Funktionspersonal römischer, griechischer, orientalischer und jüdisch-christlicher Kulte in der Stadt Rom von 300 v. Chr. bis 499 n. Chr.*, Wiesbaden.
- Rusjaeva, A., Vinogradov, Ju. G., (2000), “Apollon Ietros. Herrscher von Istros”, in A. Avram, M. Babeş (eds.), *Olbia, Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70<sup>e</sup> anniversaire*, Bucarest, 229-234.
- Rutishauer, B. (2012), *Athens and the Cyclades. Economic Strategies 540-314 BC*, Oxford.
- Sabbadini, R. (1905), *Le scoperte dei codici latini e greci ne’ secoli XIV e XV*, Florencia.

- Sabbadini, R. (1914), *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*, Florencia.
- Saddington, D.B. (1999), "Roman soldiers, local gods and interpretatio Romana in Roman Germany", *ActaCl* 42:155-169.
- Salazar, A. M. (1976), "El impacto humanístico de las misiones diplomáticas de Alonso de Cartagena en la Corte de Portugal entre medioevo y renacimiento (1421-31)", in A. D. Deyermond (ed.), *Medieval Hispanic Studies presented to Rita Hamilton*, Londres, 215-226.
- Salinas, M. (1995), "Los inicios de la epigrafía en Lusitania oriental", in F. Beltrán (ed.), *Roma y el naámiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 281-291.
- Salway, B. (2001), "Travel, Itineraria and Tabellaria", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres, Nova Iorque, 22-66.
- Santo Agostinho (2009 12ª ed. ), *A cidade de Deus*, trad. de Oscar Paes Leme, 2 v., Vozes, Petrópolis, São Paulo.
- Santos, M. J. A. (1998), *Vida e morte de um mosteiro cisterciense. S. Paulo de Almaziva – Séculos XIII-XV*, Lisboa.
- Saumagne, C. (1928), "Iter populo debetur", *Révue d'Histoire, de Littérature et d'Histoire Anciennes* 54: 320-353.
- Scheer, T. S. (2003), "The Past in na Hellenistic Present: Myth and Local Tradition", in A. Erskine (ed.), *A Companion to the Hellenistic World*, Oxford, 216-231.
- Scheid, J. (2015), "Les Augustea et le culte des empereurs. Réflexions sur les rites célébrés dans ces lieux de culte", in P. Gros, E. Marin, M. Zink (eds.), *Auguste, son époque et l'Augusteum de Narona. Actes du colloque organisé à l'Académie des Inscriptions et Belles-Letres et l'Université Catholique de Croatie (Zagreb) 12 décembre 2014*, 17-30, Paris.
- Schilardi, G. (ed.) (1997), *Filostrato. Immagini*, Lecce.
- Schmidt, R. (1980), "Die Ostgrenze von Armenien über Mesopotamien, Syrien bis Arabien", in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. (Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande 40)*. Köln, 187-214.
- Schmidt, Th., Fleury, P. (2011), *Perceptions of the Second Sophistic and its Times. Regards sur la seconde sophistique et son époque*, Toronto, Buffalo, London.
- Schwartz, J. (1960), *Pseudo-Hesioda: recherches sur la composition, la diffusion et la disparition ancienne d'oeuvres attribuées à Hésiode*, Leiden.
- Scott, K. (1936), *The Imperial Cult under the Flavians*, Stuttgart.
- Sealey, R. (1976), *A history of Greek city-states 700 -338 B. C.* Berkeley.

- Seignobos, Ch. (1969), *Histoire sincère de la nation française*, Paris.
- Semerari, L. (2000), *Aula Magna Università degli Studi di Bari*, Bari.
- Sergent, B. (2006), “Sucellus et le tonneau”, in *Anthropology of the Indo-European World and Material Culture. Proceedings of the 5th International Colloquium of Anthropology of the Indo-European World and Comparative Mythology*, Budapest, 61-80.
- Serra, J. C. da (1972), *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, II, cap. VII, Lisboa.
- Sforza, W. C. (1951), “Osservazioni sul ‘De nobilitate legum’ di Coluccio Salutati”, in E. Castelli (ed.), *Umanesimo e Scienza politica (Atti del congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949)*, Milano.
- Shapiro, H.A. (1993), *Personification in Greek art: the representation of abstract concepts 600-400 b.C.*, Zürich.
- Shaw, M. H. (1982), “The ἦθος of Theseus in ‘The Suppliant Women’”, *Hermes* 110. 1: 3-19.
- Shorrock, R. (2011), *The Myth of Paganism: Nonnus, Dionysus and the World of Late Antiquity*, Bristol.
- Sigeia, L. (1970), *Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de retraite (1552)*, Présenté, traduit et annoté par O. Sauvage (ed.), Paris.
- Sillières, P. (1990), *Les voies de communication de l’Hispanie méridionale*, Paris.
- Silva, N. J. E. G. (1964), *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa.
- Simón, I. (2013), *Los soportes de la epigrafía paleohispánica. Inscripciones sobre piedra, bronce y cerámica*, Zaragoza, Sevilla.
- Siniscalco, P. (2004, 5ª ed.), *Il cammino di Cristo nell’Impero romano*, Roma, Bari.
- Slavazzi, F. (2006), “Il ciclo di rilievi della Kaisersaal del ginnasio di Vedio a Efeso”, in *Iconografia 2005. Immagini e immaginari dell’antichità classica al mondo moderno*, Roma, 235-243
- Smyth, A. C. (2011), *Polis and Personification in Classical Athenian Art*, Leiden.
- Snodgrass, A. M. (1977), *Archaeology and the rise of the Greek state*, Cambridge.
- Snodgrass, A. M. (1980), *Archaic Greece. The age of experiment*, Londres.
- Soares, C. (2008), *Platão. O Político*. Tradução do grego, introdução e notas, Lisboa.
- Soares, C. (2014), “Theoria e práxis política em Heródoto”, *Cuadernos de Filología Clássica: Estudios griegos e indoeuropeus* 24: 57-79.
- Soares, N. C. (1994), *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra.
- Soares, N. C. (2002), “O infante D. Pedro e a cultura portuguesa”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* 78:107-128.

- Sodano, A. R. (1970), *Porphyrii Quaestionum Homericarum Liber I*, Napoli.
- Solas, J. G. (2008), “Escrito sobre la ciudad”, *Pensar la publicidad*, II, n. 2: 37-62.
- Sordi, M. (1965), *Il cristianesimo e Roma*, Bologna.
- Sordi, M. (1984), *I cristiani e l'impero romano*, Milano.
- Soria, A. (1956), *Los humanistas de la Corte de Alfonso el Magnánimo (según los epistolarios)*, Granada.
- Sousa, D. A. C. de (1946-1954), *Memória dos livros do uso del Rey D. Duarte*, in *Provas da história genealógica da casa real portuguesa*, tomo I, liv. III, Coimbra.
- Sousa, R., Fialho, M. C., Haggag, M., Rodrigues, N. S. (2013), *Alexandrea ad Aegyptum: The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*, Lisboa.
- Spickermann, W. (1997), “Aspekte einer neuen regionalen Religion und der Prozess der “interpretatio” im römischen Germanien, Rätien und Noricum“, in *Römische Reichsreligion und Provinzialreligion*, Tübingen, 145-167.
- Spyridakis, S. (1968), “Zeus is Dead: Euhemerus and Crete”, *CJ* 63: 337-340.
- Stafford, E., Herrin, J. (eds.) (2005), *Personification in the Greek World from Antiquity to Byzantium*, Burlington.
- Statuta capitulorum generalium ordinis Cisterciensis ab anno 1116 ad annum 1786 edidit Josephus M.<sup>ia</sup> Canivez* (1933-1941), 8 vols., Louvain.
- Stefan, A. (2005), “Le titre de *filius Augustorum* de Maximin et Constantin et la théologie de la tétrarchie”, in M.-F. Baslez, F. Prévot (eds.), *Prosopographie et histoire religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne le 27 & 28 octobre 2000*, Paris, 329-349
- Stefani, G. (1986), “I cippi a botte della provincia Sardinia”, *Nuovo bullettino Archeologico Sardo* 3: 115-160.
- Stefani, G. (1988), “Cippi a botte nella basilica di S. Saturnino a Cagliari”, *Quaderni della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano* 5: 167-175.
- Stegmann, A. (1977), “La place de la praxis dans la notion de ‘raison d’État’”, in *Théorie et pratique politiques à la Renaissance*, Paris.
- Steinbrecher, M. (1985), *Der Delisch-Attischen Seebund und die Athenisch-Spartanischen Beziehungen in der Kimonischen Ära (478/77 – 462/1)*, Berlin.
- Stemmer, K (ed.) (1995), *Standorte – Kontext und Funktion antiker Skulptur*, Berlin.
- Sterckx, C. (2008), “Sucellos et le casque d’Hadès”, in *Philomythia. Mélanges offerts à Alain Moreau*, Monts, 223-229.
- Stern, J. (1996), *Palaephatus. Peri Apiston. On Unbelievable Tales*, Wauconda.

- Stern, J. (1999), "Rationalizing Myth: Methods and Motives in Palaephatus" in R. Buxton, R. (ed.), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford, 215-222.
- Stewart, A. (1990), *Greek Sculpture: an exploration*, New Haven, Yale.
- Storey, I. C. (2003), *Eupolis poet of old comedy*, Oxford.
- Stowe Mead, G. R. (1901), *Apollonius of Tyana, the Philosopher-Reformer of the First Century A.D.*, London.
- Strassler, R. B. (ed.) (2007), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strassler, R.B. (ed.) (2009), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strootman, R. (2010), "Literature and the Kings", in Clauss, J., Cuypers, M. (eds.), *A Companion to Hellenistic Literature*, Malden, Oxford, 30-45.
- Suberbiola Martínez, J. (1987), *Nuevos concilios hispano-romanos de los siglos III y IV. La colección de Ekvira*, Málaga.
- Szabó, Á. (2007), *Daciai papság*, Budapest.
- Szabó, Á. (2008), "Sulla questione dello statuto giuridico dei sacerdoti provinciali durante il principato. Studio preliminare", *Iustum Aequum Salutare* 4: 71-81.
- Tamerl, I. (2008), *Das Holzfass in der römischen Antike mit einer Studie zu Fassfunden in Raetien*, Diplomarbeit presso l'Università di Innsbruck, consultabile presso la Universitäts- und Landesbibliothek Innsbruck DG43696.
- Tate, J. (1927), "The Beginnings of Greek Allegory", *CR* 41.6: 214-215.
- Tchernia, A. (1986), *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores* (BEFAR 261), Rome.
- Teive, D. de (1786), *Epodos Que Cont'em Sentenças Uteis A todos os Homens, A's quaes se acrescentão Regras para a boa educação de hum príncipe*. Trad. no vulgar em verso solto por Francisco de Andrade (conforme à ed. de Lisboa, 1565), Lisboa, Na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno.
- Temporini, H. (1978), *Die Frauen am Hofe Trajans. Ein Beitrag zur Stellung der Augustae im Principat*, Berlin, New York.
- Thomson de Grummond, N. (2006), *Etruscan Myth. Sacred History, and Legend*, Philadelphia.
- Tomlin, R. S. O. (1987), "Was ancient British Celtic ever a written language? Two texts from Roman Bath", *Bulletin of the Board of Celtic Studies* 34: 18-25.
- Topál, J. (1990), "Der Import der sogenannten Moselweinkeramik in Pannonien", *ReiCretActa* 27-28: 177-184.
- Tortorici, E. (1975), *Castra Albana. Forma Italia, Regio I*, Roma.
- Touchard, J. (1959), *Histoire des idées politiques*, I. Paris [trad. port. Lisboa, 1970].

- Tranoy, A. (1981), *La Galice romaine*, Paris.
- Tuchelt, K. (1981), “Zum Problem Kaisareion-Sebasteion. Eine Frage zu den Anfängen des römischen Kaiserkultes”, *MDAI*, 31 : 167-186.
- Ulbert, G. (1959), “Römische Holzfässer aus Regensburg”, *Bayerische Vorgeschichtsblätter* 24: 6-29.
- Ullman, B. L. (1963), *The humanism of Coluccio Salutati*, Padova.
- Ullmann, W. (1980), *Radici del Rinascimento* (tr. ital.), Roma, Bari.
- Unz, R.K. (1985), “The Surplus of the Athenian *phoros*”, *GRBS* 26: 21-42.
- Ureña Prieto, M. H. (2001), *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa.
- Valiño, A. (1999), “La cerveza en las fuentes romanas. Base textual y fijación de su importancia”, *AncHistB* 13: 60-71.
- Van Haeperen, F. (2002), “Le collège pontifical (3ème s. a.C.-4ème s. p.C.)”, *Études de Philologie, d'Archéologie et d'Histoire Anciennes* 39: 11-42.
- Varner, E.R. (2004), *Mutilation and transformation. Damnatio memoriae and Roman Imperial Portraiture*, Leiden, Boston.
- Várzeas, M. I. O. (2013), “Callimachus and the New Paths of Myth”, in R. Sousa et alii (coord.) *Alexandrea ad Aegyptum: the legacy of multiculturalismo in antiquity*. Lisboa.
- Velaza, J. (2003), “Epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración”, *Palaeohispanica* 3: 179-192.
- Velaza, J. (2003a), “Las inscripciones monetales”, in P. P. Ripollés, M. del M. Llorens, *Arse-Saguntum. Historia monetaria de la ciudad y su territorio*, Sagunto, 121-148.
- Velaza, J. (2009), “Epigrafía y literacy paleohispánica en territorio vascón”, *Palaeohispanica* 9: 611-622.
- Vergerio, P. P. (1934), “Epistolario di Pier Paolo Vergerio”, in L. Smith (ed.), *Fonti per la storia d' Italia*, vol. 74, Roma, 436-445.
- Vierneisel, K., Zanker, P. (1979), *Die Bildnisse des Augustus: Herrscherbild und Politik in kaiserlichen Rom*, München.
- Villar, F., Pedrero, R. (2001), “Arroyo de la Luz III”, *Palaeohispanica* 1: 235-274.
- Vinogradov, J. G. (2000), “Heilkundige Eleaten in den Schwarzmeergründungen”, in M. Dreher (ed.), *Bürgersinn und staatliche Macht. Festschrift für Wolfgang Schuller zum 65. Geburtstag*, Konstanz, 133-149.
- Vittinghoff, F. (1951), *Römische Kolonisation und Bürgerrechtspolitik unter Caesar und Augustus*, Wiesbaden.
- Vives, J., Marín, T., Martínez, G. (1963), *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Madrid, Barcelona.

- Voragine, T. (2004), *Legenda Áurea*. Apresentação do Cardeal Dom José Saraiva Martins e introdução do Doutor Aníbal Pinto de Castro. Tomo Segundo, Porto.
- Waern, I. (1951), ΓΗΣ ΟΣΤΕΑ. *The Kenning in Pre-Christian Poetry*, Uppsala.
- Wallace, M. B., Figueira, T. J. (2010), “Notes on the Island *Phoros*”, *ZPE* 172: 65-69.
- Wallace-Hadrill, A. (2005), “*Mutatas formas*: The Augustan Transformation of Roman Knowledge”, in K. Galinsky (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*, Cambridge, 55-84.
- Wallinga, H. T. (2005), *Xerxes' Greek Adventure. The Naval Perspective*, Leiden.
- Walter, H. (1993), *Ägina: die archäologische Geschichte einer griechischen Insel*, München.
- Walters, K. R. (1981), “Four Hundred Athenian Ships at Salamis?”, *RhM* 124: 199-203.
- Wankel, H. (1983), “Thukydides 1,74,1 und die Schiffszahlen von Salamis”, *ZPE* 52: 63-66.
- Wells, J. (1923), *Studies in Herodotus*, Oxford.
- Wesseling, P. (ed.) (1735), “Itinerarium Antonini Augusti”, *Vetera Romanorum Itineraria*, Amesterdão.
- West, M. L. (1985), *The Hesiodic Catalogue of Women: Its Nature, Structure, and Origins*, Oxford.
- Westrem, S. D. (2001), *The Hereford Map. A Transcription and Translation of the Legend with Commentary*, Turnhout.
- Williams, D. (1987), “Aegina, Aphaia-Tempel XI: the pottery from the second limestone temple and the later history of the sanctuary”, *AA*: 629-680.
- Williamson, G. (2004), “Aspects of identity”, in C. Howgego, V. Heuchert, A. Burnett (eds.), *Coinage and Identity in the Roman Provinces*, Oxford, 19-27.
- Winiarczyk, M. (2013), *The «Sacred History» of Euhemerus of Messene*, Berlin.
- Witschel, Chr. (1995a), “Römische Tempelkultbilder und Römische Kaiserstatuen als Tempelkultbilder”, in K. Stemmer, (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgufssammlung*, Berlin, 250-265.
- Witschel, Chr. (1995b), “Statuen auf römischen Platzanlagen unter besonderer Berücksichtigung von Timgad (Algerien)”, in K. Stemmer (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgufssammlung*, Berlin, 332-358.
- Witschel, Chr. (2002), “Zum Problem der Identifizierung von munizipalen Kaiserkultstätten”, *Klio* 84: 114-124.



- Wlosok, A. (ed.) (1978), *Römischer Kaiserkult*, Darmstadt.
- Wojciechowski, P. (2002), “Il culto di Beleno ad Aquileia romana. Origini, interpretatio Romana e la cosiddetta rinascita celtica”, in *Gli echi della terra. Presenze celtiche in Friuli. Dati materiali e momenti dell'immaginario. Convegno di studi, Castello di Gorizia, 5 - 7 ottobre 2001*, Pisa, 29-35.
- Woodard, R. (ed.) (2007), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge.
- Woodhead, A. G. (1962), *The Greeks in the West*. London. (Trad. port., *Os Gregos no Ocidente*).
- Wolf, G. (1996), “Monumental writing and the expansion of the Roman society in the Early Empire”, *JRS* 86: 22-39.
- Wolf, G. (2002), “Afterword. How the Latin West was won”, in A. Cooney (ed.), *Becoming Roman, writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*, *JRA Suppl. Ser.* 48: 181-188.
- Yatromanolakis, Y. (2005), “*Poleos erastes*. The Greek city as the beloved”, in E. Stafford, J. Herrin (eds.), *Personification in the Greek World: From Antiquity to Byzantium*, London, 267-284.
- Young, T. Cuyler (1980), “480/479 B.C. – A Persian Perspective”, *Iranica Antiqua* 15: 213-39.
- Zamora, J. A. (2005), “La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos”, *Palaeohispanica* 5: 155-19.
- Zanichelli, G. Z. (2005), “Il mito di Troia nell'immaginario medievale”, in G. Burzacchini (coord.), *Troia tra realtà e leggenda*, Parma.
- Zanker, P. (1983), *Provinzielle Kaiserporträts. Zur Rezeption der Selbstdarstellung der Princeps*, München.
- Zaoli, G. (1912), “Lo Studio bolognese e papa Martino V”, *Studi e Memorie per la storia dell'Università di Bologna* I – série v. III: 105-188.
- Zecchini, G. (ed.) (2015), *L'Augusteum di Narona. Atti della Giornata di Studi. Roma 31 maggio 2013*, (Centro ricerche e documentazione sull'antichità classica, monografie, 37), Roma.
- Zimmermann, K. (2000), “‘Αφροδίτη' ἀνεθήκε.....Zu einem Dachziegel mit Votivinschrift”, in A. Avram, M. Babeş (eds), *Olbia, Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70<sup>e</sup> anniversaire*, Bucarest, 239-251.
- Zurara, G. E. de (1972), *Chronica do Conde Dom Pedro de Meneses*, II, Lisboa.